

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA HUMANA

FORTALEZA: CIDADE NÃO REVELADA

Considerações sobre o centro da cidade de Fortaleza - Ce

CARLOS AUGUSTO DE AMORIM CARDOSO

ORIENTADOR: JOSÉ WILLIAN VESENTINI

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

SÃO PAULO, Fevereiro de 1994.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA HUMANA

FORTALEZA: CIDADE NÃO REVELADA

Considerações sobre o centro da cidade de Fortaleza - Ce

CARLOS AUGUSTO DE AMORIM CARDOSO

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Geografia Humana, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana.

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/1994.

Orientador:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

São Paulo, Fevereiro de 1994.

A Alba Lúcia, minha mãe,  
que continua a me dar  
força.

Ao Sylvio, meu pai,  
amigo fiel.

A Lais Helena,  
companheira desta viagem.

## INDICE

### AGRADECIMENTOS

### INTRODUÇÃO

P. 01

### I - EM BUSCA DO PONTO CRITICO

P. 07

1.1. - UMA TENTATIVA DE HISTORAR A EVOLUÇÃO E O  
CRESCIMENTO DA CIDADE

P. 07

1.2. - CONSIDERAÇÕES SOBRE A GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA  
URBANA

P. 20

### II - A IMAGEM DA CIDADE

P. 33

2.1. - DAS PRAÇAS

P. 33

2.2. - DAS RUAS

P. 43

### III - A CIDADE NAO REVELADA

P. 55

3.1. - A VIDA DO BAR OU OS BARES DA VIDA: REFLEXÕES  
SOBRE O COTIDIANO DOS BARES

P. 55

3.2. - DOS CABARÉS, GRAFITEIROS E OUTROS

P. 71

### IV - EM BUSCA DE CONCLUSÕES

P. 91

4.1. UMA SEMIOTICA DO ESPAÇO URBANO??

P. 91

4.2. ESPAÇO E LUGAR: NOVAS TEORIAS VELHAS?

P. 101

### V - BIBLIOGRAFIA

P. 107

### ANEXOS

## AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos poderiam ser daquela forma: " a todos que contribuíram para este trabalho". Seria injusto não tentar discriminar aqueles que influenciaram na sua confecção, mesmo sabendo que se corre o risco de cometer injustiças na falta de um amigo ou colega, que com apenas uma idéia em muito ajudou o desenvolvimento do trabalho. Prefiro correr este risco.

Não poderia furtar-me, por exemplo, de lembrar da Cláudia Grangeiro pelas considerações metodológicas, ao sabor do molho de espinafre e ao rouco latido da Palú. A Marta Júnior pelas contribuições nas discussões sobre a cidade. Ao Fernando, primo-comunista, Margarida, Raul, Beto, Renato e Maria, por segurar as barras alimentares e médicas e proporcionar grandes momentos de descontração na louca São Paulo. A Socorro na hora do abrigo, nas farras e naquele rango. Eliane Kivasney nos papos ao cair da tarde uspiana. Ao Wagner, no embalo da geografia do século XXI debatida nas tardes dos seminários do Seabra e nas madrugadas de Osasco e São Paulo. Nelsinho, Ricardo pelas conversas agradáveis. Marta Celina, companheira incansável por dias geográficos melhores, seja em Mossoró, Teresina ou São Paulo.

Do mesmo modo não poderia esquecer do Moacyr, pela força nos momentos difíceis, lá e aqui. Ana, maluca potencial, pelos brilhantes comentários, gestados na tranquilizante Gamela. Ao Gertel pelas discussões sobre o planejamento e as novas

tecnologias, em plena calçada. Ao Armando, pelas viagens epistemológicas na sala de aula e no Bartolo. A Zildinha, amiga e companheira, organizadora dos arquivos de jornais. Zena, amiga fiel no convívio dos bares e cabarés. A Reijjane nas opiniões percucientes de uma profunda conhecedora do centro da cidade. Henrique, que cedeu parte do escritório para as pesquisas no centro. Clebinho da São Damasco, acolhedor e bom observador do movimento diário do centro. Ao Prof. Américo, pela contribuição na percepção da dinâmica social. Augusto Neto, que com sua neurose gramatical, em muito contribuiu para diminuir os erros neste trabalho. Doralice, amiga nova, companheira nova, que já viajou muitos projetos e há tantos a viajar, pela leitura da primeira versão. Américo Júnior pelos brilhantes comentários.

Em muito contribuiu o pessoal da AGB - Fortaleza - nos instigantes debates sobre a cidade. A CAPES-PICD via Universidade Estadual do Ceará, pela cessão da bolsa de estudos. A Cia. Barbosa Cardoso financiadora da segunda bolsa. A Sylvia Lúcia, pelas correções e por segurar barras tão pesadas. A Gracita, por induzir a retomada do trabalho.

Ao Heraldo pelas informações precisas do jogo das portas dos hotéis. A Universidade de São Paulo, por acolher e esperar tanto. A Fumiko e Ana, pela paciência nas orientações às inexperiências.

Ao Prof. José Willian, orientador, pela serenidade nas indicações de leituras e na seriedade dos comentários. A Palheta pelas ótimas contribuições teóricas. Ao Milton Santos, provocador de sonhos altivos desde os tempos universitários. Ao Waldemir pelo desenho da planta baixa. Regina, Thomas, Manú (pessoal da Fase - Fortaleza) e Ana Celina importantes na formulação de novos

conceitos e novas práxis. A Isorlanda pelas críticas e pelo alerta. Ao Chaparrau, maluco dos bares, pela contribuição no entendimento das relações sociais noturnas. Ao velho amigo Batata, morador do centro, pelas boas dicas. A Maria de Jesus pela oportunidade do debate. Ao Paulo Pardal pela tentativa de fazer a capa e acabar revelando um bela imagem do centro da cidade. E tantos outros.

No esquecimento, assume-se inteira responsabilidade.

Novidade de hoje e ruína de passado amanhã, enterrada e ressuscitada cada dia,  
convivida em ruas, placas, ônibus, táxis, cinemas, teatros, bares, hotéis, palomares, catacumbas,  
a cidade que nos sonha a todos e que todos fazemos e desfazemos e refazemos enquanto sonhamos  
a cidade que todos sonhamos e que muda sem cessar enquanto a sonhamos  
a cidade que desperta a cada cem anos se olha no espelho de uma palavra e não se reconhece e põe-se outra vez a dormir,  
... com seus monumentos e suas estátuas, suas histórias e suas lendas,  
num manancial feito de muitos olhos e cada olho reflete a mesma paisagem interrompida, ...  
falo sobre a cidade imensa, realidade diária feita de duas palavras: os outros,  
e em cada um delas há um eu cercado de nós, um eu à deriva,  
falo sobre a cidade construída pelos mortos, habitada por seus teimosos fantasmas, regida por sua despótica memória,  
a cidade com que falo quando não falo com ninguém e que agora me dita essas palavras insones, ...  
o Estado abstrato e suas polícias concretas, seus pedagogos, seus carcereiros, seus pregadores,  
as lojas onde há de tudo e gastamos tudo e tudo se torna fumaça,  
os mercados e suas pirâmides de frutas, rotação das quatro estações, as reses mortas, abertas e sem tripas penduradas nos  
ganchos, as colinas de especiarias e as as torres de frascos e conservas,  
todos os sabores, todas as cores, todos os odores e todas as matérias, a marca das vozes - água, metal, madeira, barro -,  
a faina, o regateio e o comércio desde o começo dos dias,  
falo sobre os edifícios de cantaria e de mármore, de cimento, vidro, ferro, o populacho nos vestibulos e portais,  
os elevadores que sobem e descem como o mercúrio dos termômetros,  
os bancos e seus conselhos de administração, as fábricas e seus gerentes, os operários e suas máquinas incestuosas,  
falo sobre o desfile imemorial das prostitutas por ruas largas como o desejo e como tédio,  
o ir e vir dos carros, espelhos de nossos afãs, ocupações e paixões (por que, para que, até onde?),  
os hospitais sempre repletos e nos quais sempre morremos sós,  
falo sobre a penumbra de certas igrejas e as chamas titubeantes dos círios nos altares, ...  
falo sobre o jantar sob a luz torta da mesa coxa e os pratos desbeijados,  
as tribos inocentes que acampam nos terrenos baldios com suas mulheres e seus filhos, seus animais e seus espectros,  
as ratazanas nos esgotos e os valentes pardais que nidificam nos arames, nas cornijas e nas árvores martirizadas,  
os gatos contemplativos e seus romances libertinos à luz da lua, deusa cruel dos terraços, ....  
falo sobre a madrugada como vôo de garças na laguna e o sol de asas transparentes que pousa nas folhagens de pedra das  
igrejas o o gorjeio da luz nos talos de vidro dos palácios, ...  
há ruas em penumbra que são uma insinuação sorridente, não sabemos aonde vão, talvez ao cais das ilhas perdidas, ....  
falo sobre o encontro esperado com essa forma inesperada na qual se encarna o desconhecido e se manifesta a cada um ....  
falo sobre o grande rumor que vem do fundo dos tempos, murmúrio incoerente de nações que se juntam ou dispersam, girar de  
multidões e sua armas como penhascos que se desempenham, surdo soar de ossos caindo na cova da história,  
falo sobre a cidade, pastora dos séculos, mãe que nos engendra e nos devora, nos inventa e nos esquece.

(OTÁVIO PAZ)



## INTRODUÇÃO

Neste momento, sabe-se de alguma forma que o lugar, a cidade - a real e imaginária- , são depositários de lembranças e sonhos.

Sonhos e correria pelas ruas desnudas do Bairro de Fátima, das aventuras de saídas ousadas para o centro da cidade e mesmo à outros bairros no intuito de conhecer e viver as possibilidades que uma cidade oferece. Duplo existir. Quando se sonha e se vê uma rua ser destruída pelas primeiras máquinas de escavar o chão, para colocar água; pela segunda vez para colocar o calçamento; pela terceira pelo alfalto; pela quarta para o telefone, é a modernidade enfim.

A lembrança é turva, mas real. O comentário, dotado de razão, que logo depois do calçamento viria o asfalto e isto poderia aumentar a temperatura em mais de 5 graus centígrados parecia uma realidade visível. Seguindo orientações de Magda Adelaide, ia-se nas casas de conhecidos e amigos na rua onde morava, a assertiva era aceita como mera especulação teórica de um jovem universitário, um rapaz de futuro, que esquecera, infelizmente, a importância do progresso.

Nunca pode-se esquecer o desprezo pela primeira tentativa de organizar aquilo que poderia ser estrategicamente um embrião de discussões sobre o espaço onde se vive.

Procurando outros fóruns, encontra-se alguns que se interessavam pela discussão, mas de forma mais ampla, sobre a cidade como um todo, suas mazelas, seus planejamentos, suas

máquinas enfim.

Estava ali um início para colocar as experiências com relação ao espaço urbano: acampamento durante duas semanas, juntamente com colegas do curso de ecologia nas divisas do campus universitário para impedir a abertura de rua que ligaria ao grande pavilhão do Maraponga Mart Moda, do Sr. Holanda. Uma estreita faixa de terra, com pouco mais de três metros, gentilmente cedida pelo Sr. Reitor Pe. Luis Moreira da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Não há tal rua. Mas era preciso mais. O movimento ecológico emergia com nova força, e era um canal. A AGB se consolidava, outro canal. As leituras corriam soltas e parecia que davam conta na hora dos confrontos, seja com os planejadores ou colegas de qualquer fórum de discussão.

Era preciso dar saltos, aprofundar mais. As experiências nos trabalhos nas escolas e em Jericoacoara eram referência importante para seguir em frente.

A organização comunitária de uma rua havia se transformado, para felicidade geral, num projeto acadêmico. Congressos, cursos, especializações e mestrados davam o tom do caminhar. Era só preparar o projeto e ir em frente.

Imaginava-se, no primeiro trabalho, discutir todo o planejamento do Estado, seus planos diretores, códigos de obras e posturas, entre outras leis direcionadoras do progresso e crescimento da cidade.

Algo de estranho estava no ar no contato mais efetivo com os trabalhos que tinham proposta de analisar a construção do espaço urbano de Fortaleza. Eles tinham algo de insuficiente, no entender a sociedade como fruto das contradicções da lógica

capitalista.

Aquilo era tido como verdadeiro, e não encontrava resistência em nossa forma de pensar. Mas era insuficiente.

Ao mesmo tempo, pensar num modo de encontrar um método ou um grande referencial metodológico que pusesse em xeque, por um lado o materialismo histórico e por outro a visão funcional e estrutural dos principais agentes construtores da cidade era uma grande ilusão e prepotência. A superação advinda desta idéia era vulgar e medíocre.

Um certo período de tempo levou à compreensão de que um trabalho como este aqui não deveria, necessariamente, superar nada. Poderia apenas apontar alguns elementos que de alguma forma não foram contemplados nas grandes análises.

Era aquela imagem viva da "síndrome de tese" que nos fala Umberto Eco, que impedia qualquer avanço numa proposta de trabalho.

Desta conclusão, tudo passou a ser importante: recortes de jornais, poemas, cartas, mapas, idéias, comentários maldosos ou não, caixa de remédio, vale-transporte, propaganda de loja, carro de som e tantos outros eram objetos de reflexão, mas parecia que nada adiantava, pois era preciso algo novo, ou uma intuição. Nas conversas com o orientador havia a indicação de que havia algo mais que a intuição e que o importante era a pesquisa.

Mas qual, eu dotado de tantas discussões metodológicas, embalado nos trabalhos do NUGA (Núcleo de Geografia Aplicada - UECE), nos livros de Demo e de Milton Santos, como não haveria de saber o que era pesquisa. A idéia que fazia da intuição como um elemento chave para avançar era baseada em Max Weber, então como

estar errado?

O desespero contagiava a mente, e pensava igualmente na mente não mais existente daquele corpo início de tudo. Nada havia, a não ser a incapacidade humana e racionalidade exacerbada. Na verdade a cidade nunca existira. O movimento ecológico, os conselhos de desenvolvimento urbano, as discussões científicas, as picuinhas políticas e a luta para dominar a verdade sobre este espaço urbano sobrepunham-se às idéias novas em gestação. A geografia serve para fazer a guerra, e era a guerra que importava. Era fundado o clube do inimigo do mês; na lista, o Prefeito, o Governador, a Câmara Municipal, um Vereador, um companheiro do movimento ou qualquer outro na falta. E a cidade a caminhar.

Os mistérios pareciam estar ali, na nossa frente. Ora, mais quais mistérios? era uma nova sociedade que deveria ser construída, livre das amarras da sociedade capitalista e das elites. Tomar o olho do poder era necessário para ter nova visão total dos corpos. Mas o que fazer com a torre?

Festas, conversas, discussões políticas, golpes, acordos, eleições, amigos perdidos no tempo, ser histórico. Mais discussões metodológicas, lógicas, técnicas, o mundo não tinha fim, aliás, a ciência não tem fim.

Estudos, fichamentos, aulas, andar pela cidade, mapear as favelas era imperioso. Saber a razão dos fundamentos da abordagem para questão urbana era a prioridade. Ora, mas qual a razão da razão?

Uma frase perturbava desde os primeiros tempos universitários: " o novo não se inventa, se descobre."

Quanta incapacidade! passar anos pesquisando e não descobrir nada. Viver e conhecer a cidade impressionava e trazia lembranças das noites de mão dadas com minha mãe a ver as vitrines do centro da cidade, jogo inevitável da fina flor da burguesia comercial.

E no jogo de imagens de Lucrecia Ferrara ou Kevin Lynch habitava modos de ser, hábitos, gestos, movimentos, pessoas, seres.

Montar as idéias para a qualificação era a primeira coisa a fazer. Depois de tudo refeito, a pergunta avassaladora: era isto mesmo que desejava estudar? a pergunta funcionou como um punhal e era sinal que o caminho estava errado. Mas as discussões em torno do Relatório de Qualificação, as indicações da Banca Examinadora deixavam a suspeita que o rumo, se não era dos melhores, era pelo menos interessante.

Saia de cena o sujeito histórico e colocava-se a cidade real dos bêbados, putas, bufarinheiros, camelôs da vida, bucaneiros da cachaça e da sujeira. Restava sistematizar os efeitos do pensamento e dá-lhes uma certa lógica formal. Recomeçava tudo, mas agora idéia pensada.

Assim, não fugindo às regras, impõe-se as fórmulas da formalidade acadêmica e a divisão do trabalho em capítulos: o 1º capítulo foi dividido em duas partes, uma que aborda de maneira bastante breve o crescimento da cidade e do espaço urbano, e configura-se como resumo de vários autores que escreveram sobre a mesma, e a segunda parte se refere ao que alguns teóricos colocam sobre a questão urbana, em especial no campo da geografia e da geografia urbana, suas tendências e perspectivas analíticas;

o 2º capítulo, denominado A Imagem da Cidade, também foi dividido em duas partes, no sentido de qualificar o reflexo do pensamento do planejamento urbano a partir de dois elementos fundamentais da cidade as ruas e as praças, utilizando para isto várias publicações do Poder Público e outras com a sua colaboração tratando-se da mesma lógica de pensamento, reportagens de jornais da cidade e alguns trabalhos monográficos; o 3º capítulo refere-se à imagem que fazem uma série de atores sociais, presente nas ruas, bares, praças, cabarés entre outros, o recurso utilizado foi a análise da produção artística, conversas e entrevistas fragmentadas, artigos de jornais, presentes em dois locais que entendemos ser depositários de um forte referencial da vida no centro da cidade; por fim, o 4º e último capítulo tenta concluir com algumas considerações sobre um campo reaberto por várias correntes de várias ciências e que se fez e faz-se presente na geografia de maneira embrionária: a semiologia, resgatando, por este viés analítico, uma das categorias fundamentais do discurso geográfico tradicional - o lugar.

Vale salientar, ainda, que as modificações por que passou e passa o centro da cidade de Fortaleza, no processo de revitalização, só adquiram significado se datado historicamente. Pois não está em jogo dois momentos que se opõem, mas um processo de continuidade de transformação e adequação das formas e dos conteúdos urbanos às novas características do modelo econômico, fato este complicador para a apreensão do objeto de pesquisa.

## I - EM BUSCA DO PONTO CRITICO

### 1.1. UMA TENTATIVA DE HISTORiar A EVOLUÇÃO E O CRESCIMENTO DA CIDADE

Quando os historiadores da cidade revelam que o seu nascimento está "envolto em trevas", torna-se imprescindível tomar alguns cuidados com os pressupostos embutidos nas afirmações. Um dos cuidados, acredita-se, certamente será aquele que diz que o campo e suas fases durante a história humana contribuem para a existência das cidades; outro, entende a cidade como conjunto de relações sociais, onde os bens sociais encontram-se diversificados e em processo de complexização; um terceiro cuidado induz a pensar a cidade como fato da natureza, como uma "colméia", ou outra comunidade social parecida; ou àquele que entende a cidade como uma divindade ou fruto de uma ou várias crenças; por fim, aquela que propugna a cidade como uma obra de arte, onde "a mente toma forma na cidade"<sup>1</sup>.

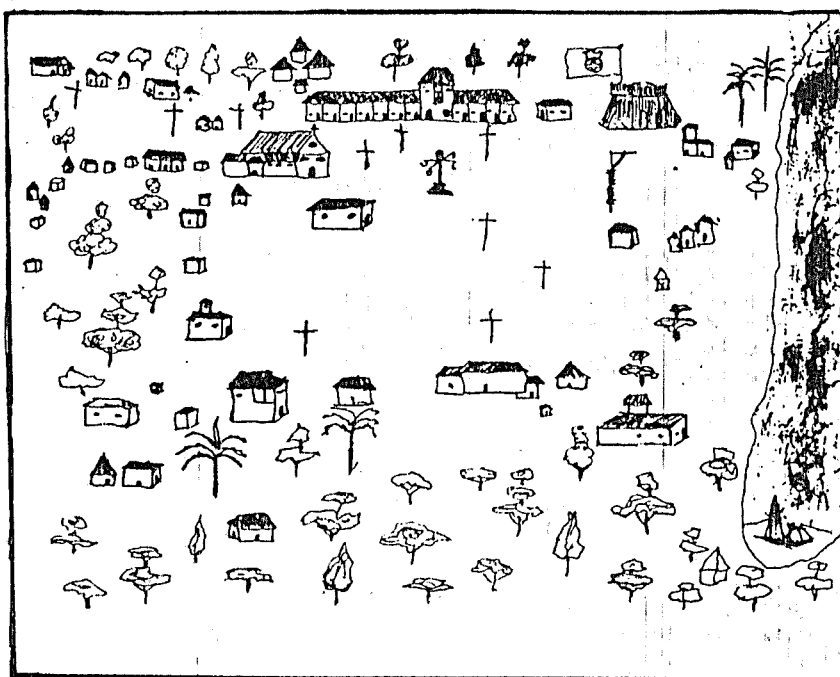
Em que pesem as aporias e os debates por vezes acirrados entre as várias abordagens, não é propósito deste trabalho desenvolver uma suposta arqueologia ou dos discursos sobre as mesmas. Mas, apenas tentar encontrar algum elo de ligação, ou as

---

1. Estas considerações podem ser encontradas, diferentemente, nas suas formas e nos conteúdos, em historiados, arquitetos, urbanistas e filósofos que tratam a questão com bastante propriedade e se afirmam como clássicos da literatura sobre a história das cidades: Cf. Mumford, Lewis - A Cultura das Cidades. Ed. Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, 1961, em especial às pp. 13-22; Glotz, Gustave - A Cidade Grega. Difel, São Paulo, 1980; Fustel de Coulanges - A Cidade Antiga. Martins Fontes, São Paulo, 1987; Argan, Giulio Carlo - História da Arte como História da Cidade. Martins Fontes, São Paulo, 1993; Lefebvre, Henri - O Direito à Cidade - o Fenômeno Urbano: Sentido e Finalidade da Industrialização. O Principal Direito do Homem. Gráfica Urupês, São Paulo, 1969.

áreas possíveis de contato entre as idéias que norteiam o pensamento de alguns autores que fazem da cidade e do urbano o objeto de suas reflexões, compreendendo os necessários "cortes históricos".

Desta forma, uma breve descrição da evolução e crescimento urbano da cidade de Fortaleza (daqui por diante simplesmente Fortaleza) é mister. Abstem-se, porém, de sua história anterior à inserção no mercado nacional, que data dos tempos em que a Capitania do Ceará estava vinculada à de Pernambuco. O momento que interessa é aquele do início do século passado; o do desmembramento da Capitania de Pernambuco (FIG. I).



\* FIGURA I \*

In: Girão, 1979

Planta (desenho) de Fortaleza em 1726, do Capitão-mor Manuel Francês.

Concretamente, o processo de expansão do espaço urbano, ou em outros termos o crescimento da cidade, desenvolve-se numa lógica de desordem acelerada.



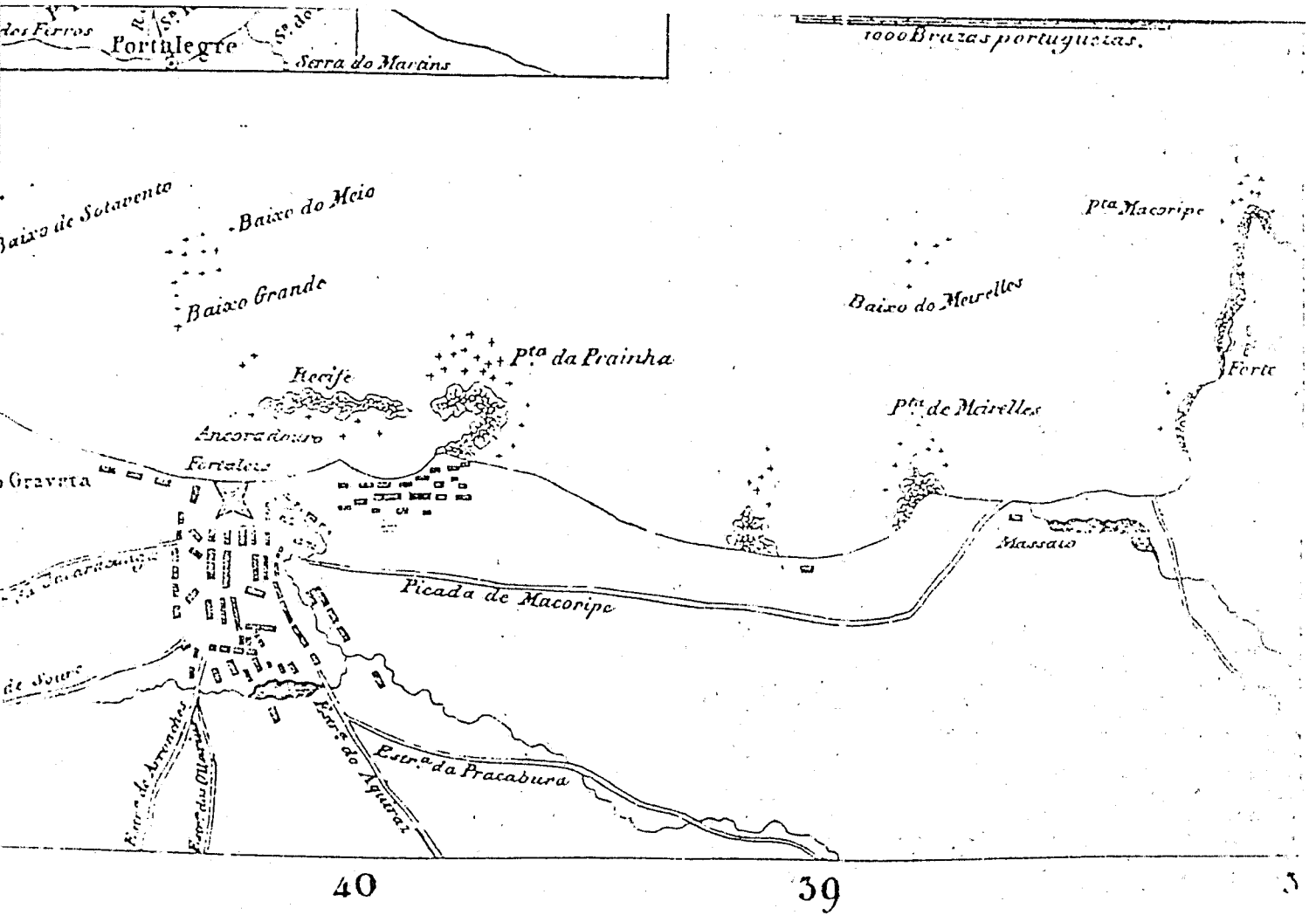
Inicia-se a expansão da cidade no século passado. A cidade, então vila, não possuía mais do que cinco ruas e era assim descrita por um viajante:

"Edificada sobre terra arenosa, em formato quadrangular com quatro ruas, partindo da praça e mais outra, bem longa, do lado norte desse quadrado, correndo paralelamente, mas sem conexão. (...) Os edificios são pequenos e baixos, mas limpos e caiados, e perfeitamente adptados aos fins que se propõem" (In: Campos, 1988; 45).

Mesmo de menor importância, duas dúvidas se colocam na análise do crescimento da cidade: a primeira diz respeito ao formato quadrangular da vila relatado pelo viajante; a segunda refere-se às afirmações de que o crescimento se deu no acompanhamento dos antigos caminhos por onde escoavam as trocas comerciais (Arroches, Soure, Mecejana, Macuripe). Ora, se o crescimento se deu no acompanhamento das estradas, então os planos posteriores desvirtuaram o traçado urbano espontâneo; mas se a vila já possuía um formato quadrangular antes dos planos de reforma urbanística não se pode afirmar que tais projetos tenham sido negligenciadores da expansão e crescimento da cidade. Pelo contrário, a presença deste formato nas áreas centrais da cidade e em outras várias áreas da cidade apenas reforçam que houve um planejamento que considerou a disposição inicial com a formação de caminhos comerciais. (FIG. II).

É dentro deste quadro, a partir da década de 20 do século passado, que surgem as primeiras preocupações do Poder Público com as questões do tráfego urbano de Fortaleza. Vale salientar,

\* FIGURA II \*



Levantamento da Vila de Nossa Senhora da Assunção. calcado sobre desenho do engenheiro Silva Paulet.

In: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982

ainda, que é justamente no ano de 1823 que a vila de Fortaleza é elevada à categoria de cidade e de capital da província.

Ocorrem, desta feita, as primeiras preocupações com o arruamento da cidade, destacando as normas que realizam a forma xadrez no traçado das ruas - e que, de uma forma ou de outra, permanecem até hoje. São elas que estabelecerão uma linha central saindo do forte em sentido sul.

As normas de crescimento da cidade foram complementadas pelo Código de Posturas Municipais, disciplinando, além do uso do solo, aspectos gerais do cotidiano da cidade (Campos, op.cit.).

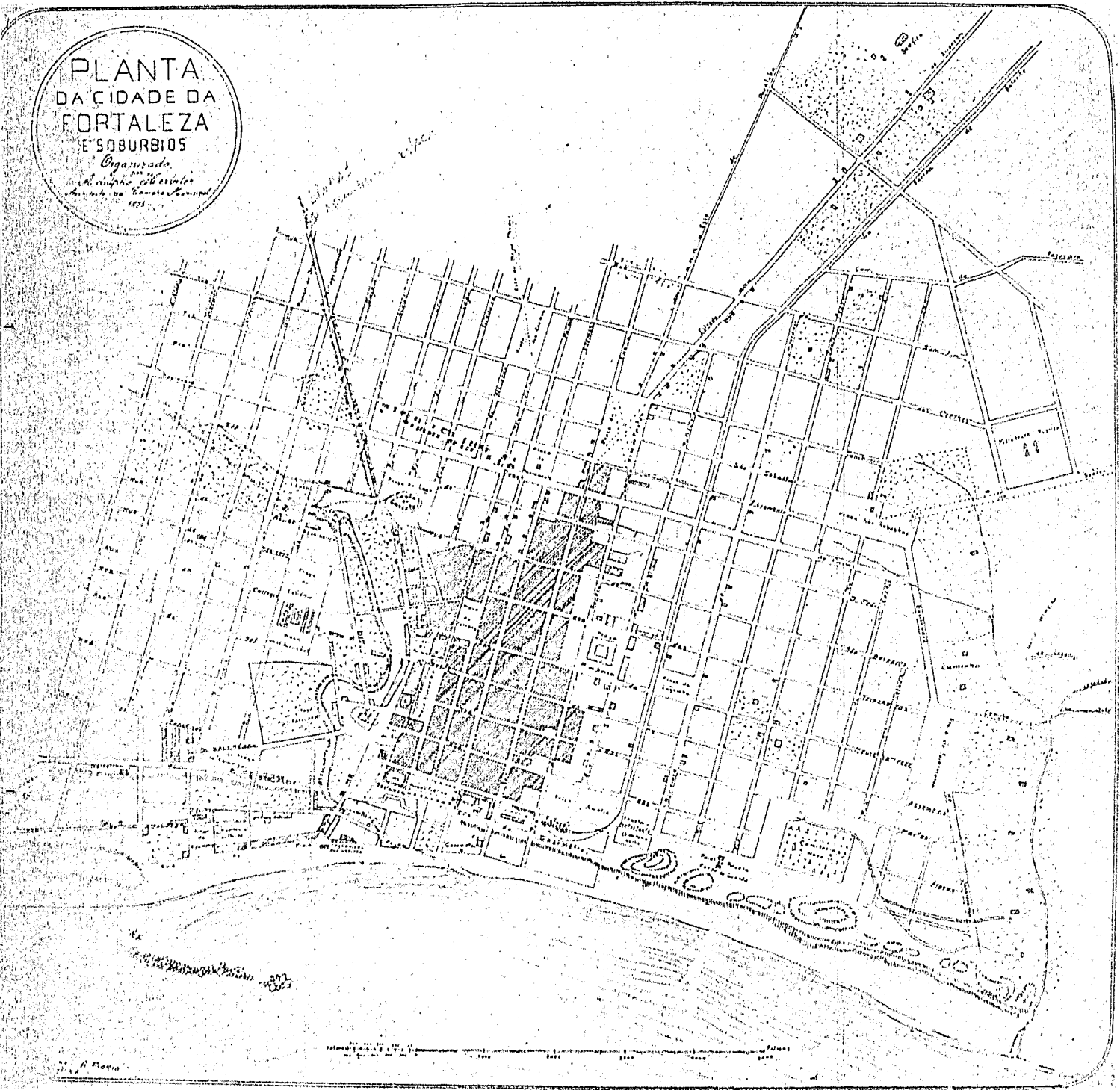
Na década de 50, depois de um Levantamento Cadastral, de Rego de Medeiros, que eram simples desenhos cartográficos, foram definidas as propostas de arruamento do engenheiro militar Silva Paulet, tendo estas, segundo Castro (Castro; 1979, 47), origens renascentistas. (FIG. III).

Noutro momento, por volta das décadas de 60 e 80, prossegue a implantação do traçado, orientando o crescimento no sentido sul. O continuador, e defensor do modelo implantado, é o arquiteto Adolfo Herbster, quando elabora a "Planta Exacta" (1859), que inclui "vários elementos, como o levantamento do sistema ecológico, as vias de acesso à cidade, a denominação dos logradouros e o registro de todo o equipamento público e privado existente" (Cf. Costa, 1988; 68), a "Planta da Cidade de Fortaleza e Subúrbios" (1875), plano de expansão que se iniciava a leste da orla marítima no sentido do interior, no Plano de Remodelação da cidade (FIG. IV) introduz algumas modificações que são relatadas pelo arquiteto Liberal de Castro:



\* FIGURA IV \*

PLANTA  
DA CIDADE DA  
FORTALEZA  
E SOBRÚBIOS  
*Organizada  
pelo engenheiro José Antônio  
de Albuquerque Maranhão  
em 1875.*



a "Planta da cidade de Fortaleza e Sobrúbios/1875"

In: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982

"Algumas novidades introduzidas no desenho da cidade e na nomenclatura urbana fazem perceber marcada influência francesa. Na época devia ter chegado ao Ceará o eco remoto das realizações do Barão de Haussmann... (...) As vias novas chamavam-se **boulevards** (o grifo é do autor), palavra de origem germânica, referida às antigas muralhas urbanas desaparecidas. (...) Herbester tenta oferecer a Fortaleza um circuito de avenidas à moda parisiense (os "Grands Boulevards") composto das avenidas da Conceição (Dom Manuel), Duque de Caxias e Imperador, tal como outras avenidas, aqui também denominadas **boulevards**. (Castro, Liberal; 1982, 67-8).

A "Planta da Cidade de Fortaleza" (1888) é uma atualização do projeto anterior, mostra as atividades ocorridas durante o período das secas de 77-79 e um início de descentralização. (FIG. V).

Neste período, as ligações com a cidade do Rio de Janeiro e com a Europa são intensificadas e por isso são criadas uma série de inovações tecnológicas: serviço de água canalizada (1867), iluminação a gás (1865), a ferrovia que liga Fortaleza a Baturité (1872) e o telégrafo (1878). Somado a isto o intenso processo de migração, derivada dos grandes períodos de estiagem ocorridos no século passado.

O desenvolvimento dos sistemas de transportes favorece o crescimento da cidade, com aumento populacional e também a instalação de bondes à tração animal em Fortaleza, facilitando uma efetiva expansão da área ocupada. As linhas de bondes são uma forma de direcionar o crescimento da cidade, valorizando as áreas

\* FIGURA V \*



a "Planta da cidade de Fortaleza, de 1888"

In: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982

que por elas são atingidas. É assim que aparecem os sítios ao longo e no final das linhas de bondes.<sup>2</sup>

O pequeno desenvolvimento industrial, vinculado à cultura algodoeira, às migrações, fruto das injustas estruturas fundiárias e dos longos períodos de estiagem, faz com que a área urbana atinja maiores proporções e possibilite o surgimento das primeiras favelas e aglomerações periféricas.

Neste período, que se estende da década de 80 do século passado aos anos 30 deste século, são intensificadas as relações comerciais com o interior do estado devido ao desenvolvimento da cultura algodoeira, expandindo o alcance de rede de ferrovias, tendo como consequências importantes alterações da malha urbana ocupada de Fortaleza e introduzindo modificações relevantes no que diz respeito à localização e disposição dos bairros. Quadro que permanecerá praticamente inalterado até meados da década de 50 deste século.

As importantes modificações deste período foram o alargamento das ruas e o alinhamento das casas, em função do surgimento dos bondes elétricos, em 1914, e do automóvel.<sup>3</sup>

Na terceira década do século atual já são visíveis as consideráveis proporções da rede urbana da cidade e grandes aglomerações periféricas. Desta forma, o Poder Público novamente

---

2. Uma descrição pormenorizada dos planos urbanísticos, as ruas da época, a localização dos edifícios comerciais e residenciais, dos bondes, número de pessoas que conduzia, tipos de banco, preço de passagem entre outros é feita de maneira brilhante por Girão, Raimundo In: Geografia Estética de Fortaleza. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1979.

3. Sobre a introdução do automóvel no Brasil e as modificações urbanas Cf. Oliva, Jaime Tadeu - A Cidade do Automóvel: a cidade sob quatro rodas. cópia xerox, São Paulo, 1986, e seminário apresentado no 2o. semestre de 1987 sob coordenação do Prof. Manuel G. Seabra, São Paulo, USP, Departamento de Geografia, 1987.



propõe um novo "Disciplinamento da Ocupação do Solo" e o "Código Urbano" que, baseados em referenciais ecológicos e paisagísticos, traçam diretrizes de zoneamento urbano, catalogadas na mesma ocasião pela Carta de Atenas, e de controle e preservação dos recursos hídricos, mantendo e reforçando as modificações ocorridas desde o século anterior.

No ano de 1947 é apresentado o "Plano Diretor para Remodelação e Extensão de Fortaleza", muito semelhante ao anterior pelas mesmas preocupações ecológicas, mas que previa uma divisão bem demarcada da malha urbana, sendo os bairros separados por "cintas" de avenidas delimitadoras, não considerando, como de praxe, a estrutura social expressa na cidade. O plano recebeu pressões dos setores imobiliários e, desarticulado politicamente, foi implementado apenas parcialmente. No ano seguinte é apresentada uma continuação do "Plano Diretor" onde são definidos os sistemas viários e os circuitos comerciais.

Porém, é a década de 60 que marca mais fortemente as contradições do modelo socio-econômico brasileiro. Com a política de industrialização da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), aumenta a forte presença do Estado no planejamento urbano.

Cabe ressaltar a ação do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), com a criação de fundos de recursos para a manutenção de atividades econômicas no chamado "polígono das secas". O incentivo na aplicação desses recursos nos setores dinâmicos da economia assegurava uma certa homogeneização do espaço econômico nacional.

Fortaleza tem, com o impulso no setor industrial, a dotação

de maiores ofertas de empregos, explicando desta maneira o aumento efetivo da população e, como consequência, da malha urbana. Exemplo disto é a ocupação das áreas em torno da avenida Francisco Sá, onde se processam os primeiros impulsos industriais (Amora, 1978; 73).

Esses acontecimentos não são suficientes para abalar as características essencialmente comerciais desempenhadas pelas classes empresariais locais. Mas, com o processo de favelização, tem-se a necessidade de criação de novos "Códigos Urbanos" e com eles, a valorização de determinados bairros. O "Plano Diretor de Fortaleza", de autoria do urbanista Hélio Modesto, estabelece a construção de vias de acesso às áreas leste da cidade, até então pouco exploradas, mas já loteadas (Costa, 1988).<sup>4</sup>

Os planos não surgem apenas de um movimento mais geral das relações capitalistas de produção; pelo contrário, estão relacionados sobretudo com a concentração de operários na mais promissora concentração industrial do estado, localizada próxima às áreas residenciais de alto padrão do bairro de Jacarecanga. É preciso estabelecer áreas distantes da indústria e da "presença incômoda" de operários (Silva, 1986; 72).

Desta forma, esboça-se o financiamento, por parte do capital monopolista, das infra-estruturas de serviços e equipamentos que provocam uma certa segregação espacial; levando a caracterização, por parte de alguns estudiosos, da divisão da cidade, a partir do centro, em zona leste, bem dotada de serviços, e zona oeste,

4. Só mais recentemente que se verifica uma maior ocupação, das áreas já loteadas, mas ainda permanece bastante desocupada. Tal Plano foi, porém, muito importante para a ocupação do atual quadrilátero (ver mapa 1) da grande Aldeota.

desprovida de serviços.<sup>5</sup>

Ora, esta idéia está desprovida de alguns pressupostos fundamentais; pois a separação das classes sociais é duplamente ilusória e real; ilusória porque a sociedade está no mesmo todo e tendo como a única fonte de riqueza o trabalho; é real porque socialmente e espacialmente estão e são separadas.

Por outro lado, e do outro lado, as políticas dos conjuntos habitacionais induziram, sem dúvidas, a locação destes conjuntos nas áreas sul, sudoeste e oeste da cidade (vide mapa 1). Como forma de concretizar esta nova política de planejamento surge, em 1972, o "Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza" (PLANDIRF). Resume-se na identificação da densidade demográfica dos municípios da Grande Fortaleza, das distâncias, em tempo de percurso, e na quantidade diária de fluxo de caminhões e ônibus com destino a Fortaleza. Entre os programas, destacamos as "Aplicações sócio-econômicas: Construção de Centros Comunitários, primeiras tentativas de desfavelamento, com a paralela execução de conjuntos habitacionais, entre outros" (Castro; 1979, 43).

Com isso, a base para outros planos estava solidificada. A "Lei do Plano Diretor Físico", de 1975, e a lei que Dispõe sobre o Parcelamento do Solo, de 1979, em pouco, ou mesmo nada,

---

5. É evidente que as formas urbanas são produzidas pela produção capitalista, gerando misérias e riquezas, bem como segregação sócio-espacial. Mas a afirmação de Almeida de que "em Fortaleza, a cidade pende para leste, na medida em que é no leste que sempre se fizeram os investimentos de maior vulto, que sempre se colocaram as infra-estruturas mais aceleradoras do próprio crescimento urbano, em detrimento da zona oeste que é mais habitada e que tem uma população maior, que tem maior carência, etc..." é uma separação apenas eventual, pois não considera as contradições e segregações existentes no interior das zonas referidas, ou mesmo, como queira, "ilhas" de prosperidade e de miséria em ambos e em todos os lados da cidade. (Almeida, José Alberto In: Jornal O Povo 05/03/1987).

modificam a lógica técnica, social e política dos direcionamentos da expansão e crescimento da segregação sócio-territorial no interior do município de Fortaleza. (FIG. VI).

## 1.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA URBANA

Com base no brevíssimo histórico de crescimento de Fortaleza, compreende-se que perscrutar o urbano e a cidade é cair num campo vasto de controvérsias. Pois que, sendo um produto de um desenvolvimento extremamente longo<sup>6</sup> é perfeitamente compreensível que nenhuma metodologia predomine na análise urbana. Dai que, ante às complexidades da cidade e do processo de desenvolvimento e crescimento urbano, deve ser adotada uma ampla variedade de abordagens (Clark; 1985).

Qualquer tentativa de estabelecer definições apriorísticas para os termos, no sentido de torná-la perceptível, é um recurso enigmático e confuso, porém bastante usado.

Ao classificar as cidades antigas, todo pesquisador saberá que estará supondo, antecipadamente, uma corporação essencialmente de guerreiros; um mercado com uma certa natureza de acampamento militar permanente:

"Onde quer que uma cidade quisesse seguir uma política activa de expansão no continente, devia seguir em maior ou menor medida o exemplo dos Espartanos, quer dizer formar

---

6. Nos vários estudos sobre civilizações antigas estão identificados uma série de assentamentos que, pequenos e dispersos, em muitas vezes lhes eram concedido o título de cidade.



exércitos de oplites treinados, recrutados entre os cidadãos. (...) No seu interior a *pólis* como grupo militarista, era absolutamente soberana. (...) A má administração doméstica, especialmente o desperdício do lote herdado (...) o adultério, a má educação dos filhos, o maltrato dos pais, a impiedade, a presunção - ou seja em geral todo comportamento que pusesse em perigo a disciplina e a ordem militar cidadina e que pudesse excitar a cólera dos deuses em prejuízo da *pólis* - eram duramente punidos." (Weber, Max In: Donne; 1979, 21).

Para a geografia, e em especial a geografia urbana, cabe ponderar estas importantes considerações de fundo conceitual-histórico, pois é só a partir delas que se pode caracterizar as vidas urbanas com maior ou menor similitude em relação ao real.

Vale considerar que os trabalhos anteriores ao século vinte foram extremamente descritivos e atingiram pouco mais que observações sobre a aparência física e impressões subjetivas dos lugares urbanos (Clark; 1985). Se hoje há um certo resgate das metodologias descritivas e empiristas, é porque compreende-se a necessidade de uma releitura dos clássicos da geografia. No entanto, a afirmação, baseada em Clark, sustenta-se apenas porque está embasada na crítica à metodologia empiricista, fundamentada no naturalismo do século XVI.

Por sua vez, o naturalismo, e a metodologia empiricista, sempre concebeu os objetos e os fenômenos da natureza isolados e fora de ligação com o conjunto. Na verdade, o que os empiristas foram incapazes de solucionar - e procuraram mesmo escamotear - foi a passagem dos fatos concretos da realidade objetiva para a

teoria que dá conta deles e que constitui a substância da ciência, e que é distinta do conhecimento empírico. Ao trabalhar ao nível das sensações e das idéias o empirismo propugnará, na verdade, a "adoração dos fatos" (Prado Junior; 1963, 23 & Feyerabend; 1985, 57).

O que Clark, um dos propagadores da geografia pragmática e modelística, não se refere (ou não se dá conta) é que a geografia urbana por ele produzida é herdeira dos instrumentos e das múltiplas formas de valorização do empírico e do ideológico, ao usar as combinações de modelos lineares e o exacerbado tratamento estatístico nas descrições e análises das cidades e do urbano, esquecendo totalmente a existência do tempo e suas qualidades essenciais.

Não se põe em dúvida que as características fundamentais do fazer ciência de épocas passadas, e do início deste século, estivessem vinculadas ao pensar positivista. Mas a crítica que faz a Geografia Nova Urbana aos trabalhos descritivos transforma o positivismo em inimigo e fator de explicação para todas as formas ideológicas presentes na ciência. Neste sentido, e por causa disto, responsabilizá-lo por tudo que há de errado e insuficiente na geografia, é no mínimo uma atitude ideológica.

Ora, não resta dúvida que os processos de disposição e organização do espaço urbano tornam-se enfoque central nas investigações, no momento em que as descrições profundamente ambientalistas são substituídas pelas interpretações mediatizadas por fórmulas funcionais.

Assim, o suposto avanço do neopositivismo estaria muito mais vinculado às transformações tecnológicas do pós-guerra do que uma

fundamentada crítica à teoria da ciência. No máximo, como diria Perry Anderson ao analisar a pós-modernidade, foi colocado um prefixo.

Na análise das teorias sobre a cidade, Chabot, (In: Donne; 1979, 139) afirmará que " a função é, de certo modo, a profissão exercida pela cidade, a sua razão de ser."

Estas características influenciaram de maneira bastante notável a geografia brasileira pelo menos até a década de 70, na priorização dos estudos de "sítio" e "situação" , " função" e "forma", "hierarquia urbana" e "rede urbana", "polarização" e "espaço polarizado", etc. . 7

Mais recentemente verifica-se uma retomada dos estudos locacionais e funcionais dos "sistemas urbanos" ; viés que considera as densidades e a estruturas internas das cidades pontos centrais para designar os estudos de "Redes Urbanas" (Correa; 1982 e 1987).

A tentativa acima referida é um (re)questionamento da Teoria das Localidades Centrais de W. Christaller, importante autor alemão que afirma que a "principal função ou característica de uma cidade é a de ser o centro de uma região. As localidades que são predominantemente centro de regiões são lugares centrais". (Christaller, W. In: Getis & Getis; 1984, 87).

---

7. Cf. George, Pierre - Geografia Urbana. Difel, São Paulo, 1983 em especial às pp. 36-132 e 205-244 e Dollfus, Oliver - O Espaço Geográfico. Difel, São Paulo, 1982 pp. 69-98. Na geografia brasileira encontram-se alguns trabalhos tributários desta perspectiva : Cf. Serra, Geraldo - O Espaço Natural e Forma Urbana. Nobel, São Paulo, 1987, numa análise excelente sobre as cidades de Natal/RN, Pirassuunga/SP, Santa Maria/RS, Pindamonhangaba/SP, Rio Branco/AC e Cuiabá/MT; Santos, Milton - Manual de Geografia Urbana. Hucitec, São Paulo, 1989 (2a. edição); Santos, Milton - Pobreza Urbana. Hucitec, São Paulo, 1979; Santos, Milton - Espaço Dividido: Dois Circuitos da Economia Urbana. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1979; Silva, Armando Correia da - Sobre povoamento e Estrutura Urbana In: Boletim Paulista da Geografia N. 53 pp. 83-93 entre outros.



Cabe Registrar que os trabalhos sobre rede urbana de W. Christaller foram inovações, e proporcionaram novas e amplas bases teórico-metodológicas, das quais surgiram proposições de estudos da distribuição e localização dos serviços no espaço urbano.

O mais importante disso é que a Teoria das Localidades Centrais, as redes e hierarquias urbanas, os arranjos estruturais e espaciais vêm sendo retrabalhadas numa pretensa dialetização por Correa (op. cit.), que tem o "intuito de tentar superar dialéticamente a teoria em questão a partir de sua negação" para recuperá-la "em nível mais elevado" (idem).

Aqui abre-se um parênteses para colocar uma questão aparentemente banal, mas oportuna; é comum construir um discurso científico na negativa ou destruição de um outro, e isto dá uma certa aparência dialética. Fica evidente, nesta pretensão, a realização da dialética por sua simples negação; o entendimento que tenta-se buscar é justamente aquele que garanta a não redução desta compreensão da realidade a algumas leis invariáveis. Pois, mesmo na negação, os arranjos estruturais e locacionais, que são características fundamentais da teoria em questão permanecem. B 1

A manutenção das reflexões em termos de leis invariáveis percorrem todo o conhecimento pragmático. A utilização da "Lei da luta dos contrários" não pode ser transformada em "curvatura de vara", suposto ponto ideal do caminhar científico. As ironias do

---

B. Em que pesem as críticas possíveis de serem realizadas às perspectivas metodológicas de W. Christaller, e mesmo aos seus discípulos, é reconhecível a importância de suas reflexões sobre as cidades do sul da Alemanha. E, por ser amplamente desconhecido no Brasil, deve-se a Roberto Lobato Correa a tentativa de colocá-lo em meio ao debate.

antropólogo Roberto DaMatta, ao estudar as conexões entre os espaços da casa e da rua, parecem ser uma indicação do perigo que é utilizar-se de uma "dialética" como palavra mágica que "serve como pau para toda obra em todas as sociologias" (DaMatta; 1987, 26).

Do mesmo modo, de uma forma mais requintada, e definindo historicamente o seu uso, Lefebvre diz que "hoje em dia, a dialética já não se encontra vinculada à historicidade, ao tempo histórico, a um mecanismo ou dinamismo temporal <<tese-antítese-tese>> ou também <<afirmação-negação-negação da negação>> (Lefebvre; 1973, 13).

Assim, pensar a cidade, o urbano, tendo como princípio a negação e recuperação da teoria, as relações sociais que constroem este espaço urbano não se realizam, visto que nenhuma teoria pode estar desvinculada do ser ao qual se aplica.

Afora este providente parênteses, é preciso dizer que o desdobramento maior das Teorias das Localidades Centrais foi a "modelização de sistemas em geografia urbana". Esta concebe o "sistema urbano" como uma complexidade de fluxos (inputs - outputs) que necessitam ser identificados e expressos matematicamente. Tais procedimentos, tendo por base a Teoria Geral dos Sistemas, assumem força na crítica ao empirismo e ambientalismo da geografia urbana tradicional e sua maior manifestação está na utilização da quantificação, no uso de instrumentos de análises fatoriais e no estabelecimento de modelos e sistemas.

Isto mostra apenas um procedimento organicamente ligado às circunstâncias temporais, e no fundo ideológicas. Não raro, podem

ser encontrados trabalhos merecedores de maior pesquisa dos métodos utilizados por esta vertente do pensamento urbano. Certamente, numa listagem, estariam os trabalhos de Pred: 1985, e King: 1985.

Fora desta linha de trabalho, mas influenciado por suas categorias analíticas, um dos fatores do estruturo-funcionalismo - como quer Armando Correia - desenvolveu uma série de trabalhos com extremo rigor científico, considerando a sociedade como uma estrutura complexa de grupos ou indivíduos reunidos numa trama de ações e reações sociais, dentro de um sistema de instituições relacionadas entre si.

Este modo de pensar a cidade e o urbano, como um todo em funcionamento, conceitua o espaço como objeto por excelência da geografia. O entendimento que este autor dá ao espaço é de instância (momento), elegendo categorias que poderão apreendê-lo: estrutura, processo, função e forma.<sup>9</sup>

Nos últimos anos, Santos passa por revisões conceituais, abordando as novas divisões do trabalho expressas nas estruturas da modernização. Arrisca-se a afirmar que, mesmo sem nenhum estudo sistemático sobre as mais recentes obras do renomado geógrafo, permanece preso às amarras dos elementos eleitos por ele para a apreensão do espaço urbano. Paradoxo ou não, este autor é um dos poucos geógrafos que se inteira com tanta

---

9. Aqui realiza-se um corte dos trabalhos de Milton Santos: os realizados após o clássico "Por Uma Nova Geografia" (São Paulo; Hucitec, 1980). Neste sentido, não se afirma que estas obras tragam consigo a marca dos trabalhos do período anterior, apenas pontua-se com mais clareza a perspectiva teórico-metodológica deste autor. Cf. Santos, Milton - Espaço & Método. Nobel, 1985 e Pensando o Espaço do Homem. Hucitec, 1986. Uma estranheza se põe no ar: as idéias soltas, colocadas na última referência bibliográfica, prometiam um avanço substancial no pensamento do autor, desde o início da década de 80, mas torna-se bastante pragmático no seguinte (Espaço & Método), definindo os elementos que, sem eles, não é possível analisar o espaço.

propriedade da problemática urbana.

Com estes referenciais na geografia, modernamente identifica-se duas correntes de maior influência da produção científica do urbano, e ambas fora da geografia; a primeira é aquela que tem origem na economia política, que através da realidade objetiva busca identificar as contradições que geram e provocam as desigualdades sociais e os conflitos na cidade e no urbano. Parte do princípio, portanto, que o movimento contraditório da sociedade de classes se expressa territorialmente sob forma de segregação espacial.

Na verdade, as premissas da economia política indicam que as relações sociais não são dados externos ao movimento social da cidade e do urbano. Pelo contrário, as relações sociais são dados concretos para os homens e grupos reais, inseridos nas tensões e conflitos da sociedade de classes.

Este referencial teórico chega à geografia através da literatura marxista-leninista, e em boa parte vulgarizados pelo Althusserianismo.<sup>10</sup>

Um ponto básico desta influência foi a emergência, na década de 70 no Brasil, dos movimentos populares reivindicatórios, ligados aos partidos políticos ditos de esquerda e/ou à Igreja, que colocaram novas e importantes determinações para pensar o urbano.

Mas, de uma forma ou de outra, poucos foram os trabalhos em geografia que não fizeram da dialética uma *tábua rasa de salvação*

10. Outros trabalhos influenciaram de maneira bastante notável esta perspectiva analítica: Harvey, D. - A Justiça Social e a Cidade; Lojkin, Jean - O Estado Capitalista e a Questão Urbana; Castells, Manuel - A Questão Urbana e A Cidade Democracia e Socialismo.

para todas as questões urbanas, mesmo entre outras áreas do conhecimento - sociologia, antropologia, economia, etc. - as análises sempre vinculadas à idéia geral que o mais importante é preservar o método de Marx: o "método dialético".

Com este legado marxista, teríamos um método, uma lógica dissociada do ser ao qual se aplica. Ora, método não é separável do conteúdo e nem poderia existir método que não fosse afetado pelo desenvolvimento histórico; deste modo, preservar o método, nada mais é do que uma simplificação maniqueísta da complexidade do mundo (Castoriadis; 1986, pp. 20-5).

Uma outra linha de estudos urbanos tem origem nas considerações dos cidadãos sobre o ambiente urbano, buscadas nas reflexões de autores não geógrafos para quem "cada indivíduo tem uma imagem própria e única que, de certa forma, raramente ou mesmo nunca é divulgada, mas que, contudo, se aproxima da imagem pública e que em meios ambientes diferentes, se torna mais ou menos determinante, mais ou menos aceita." (Lynch; 1982, 57)

A vida cotidiana, a cultura, o imaginário, a imagem da cidade vem sendo trabalhadas como um "deserto emocional", fruto do exagerado desenvolvimento das forças produtivas nas cidades modernas. Diante disto, é necessário distinguir a unidade e a multiplicidade das forças em atuação no espaço urbano.

Neste aspecto, é fundamental a colocação, ora elogiosa, ora bastante crítica, que faz Argan:

"Devemos a Lynch a descoberta e a análise do significado psicológico do ambiente urbano e, mais exatamente, das coisas que o compõem. Sua interpretação da realidade de fato da

cidade é, para nós, ainda mais atraente porquanto, incontestável, embora talvez involuntariamente, reavalia aquela figura histórica que a especulação imobiliária, amplamente sustentada pelos poderes políticos, tanto se esforça para deturpar e deteriorar, para depois destruí-la impunemente (Argan, 1993, 216).

Algumas destas orientações estão presentes em outros autores, sendo absolutamente relevantes pela possibilidade da superação da noção de espaço urbano como ordem, e pela compreensão da heterogeneidade do espaço, bem como a distinção entre a cidade, realidade concreta, imediata, dado prático-sensível, arquitetônico e o urbano, realidade social composta de relações sociais:

"Talvez devêssemos introduzir aqui uma distinção fundamental entre a cidade, realidade concreta, imediata (o grifo é nosso), dado prático-sensível, arquitetônico - e por outro lado o 'urbano', realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento" (Lefebvre; 1969, 49-50).

Desta constatação abre-se a perspectiva de uma "leitura" da cidade como imagem, expressão significativa e descontínua, uma "leitura" não verbal.

Diante disso, é necessário outro entendimento da cidade e do urbano. Não como forma de negar as produções sobre o tema. Ao contrário, é necessário apenas estabelecer alguns critérios para a busca do entendimento da cidade como uma mediação entre as mediações, lugar e local que incorpora à história as relações

sociais e políticas que se concentram no espaço urbano.<sup>11</sup>

Salienta-se, assim, o quanto os movimentos sociais, sejam eles de qualquer natureza, adquirem significações sócio-semióticas, no momento que determinados espaços da cidade são construídos e reconstruídos constantemente a partir de seus vários tipos de uso. De maneira que a forma da cidade não existe por si só; é adquirida de um duplo movimento: o do todo (sociedade capitalista) e de um micromovimento (cotidiano). A cada momento do ir e vir, uma nova identidade, uma nova determinação - um devir.

Assim, todo e qualquer comportamento humano, incluídas as práticas políticas, tem dois ou mais significados: para o sujeito do fazer e para o espectador desse fazer. Diante disto, é possível dizer que as ações, ou mesmo pensamento sobre a cidade trazem uma significação como projeto e como resultado, e as transformações da (na) cidade podem ser "lidas" como significantes (Greimas; 1981, 118-9).

A abordagem da semiótica (ou semiologia) urbana estabelece, todavia, um discurso vazio de significado social, pois suas análises dizem respeito a práticas culturais, sem considerar que

11. A mediação é uma noção clássica na lógica aristotélica, de onde é extraído um termo médio onde a conclusão é concebida a partir da premissa; ela é um raciocínio que torna possível o próprio raciocínio. Nos processos discursivos, dedutivos ou indutivos são necessários termos ou juízos que operem a mediação entre o ponto de partida e o de chegada. "A idéia de mediação tem importância no pensamento de Hegel, que estabeleceu uma clara diferença entre o conhecimento imediato e o conhecimento mediato. (...) Neste sentido, o saber mediato é superior ao imediato, embora tal imediatez de que trata não seja já a das coisas na sua conexão racional com o todo. Por isso, aquilo a que se pode chamar imediatez superior não é possível sem a mediatez, isto é sem mediação. A mediação, entendida metafisicamente, resulta de uma idéia da realidade como processo dialético racionalmente articulável e explicável." (Mora, José Ferrer; 1982, 258).

Embora discordando da noção hegeliana de que o todo é explicável racionalmente, esta tentativa de análise, a qual Lefebvre torna possível via o raciocínio filosófico, está presente no sentido de que as práticas subjetivas-objetivas na cidade, em especial no centro, provêm de um certo modo de compreender a cidade enquanto imagem e realidade concreta.

uso do "fragmentos habituais da cidade" - ruas, quarteirões, bares, praças, etc. . - refletem as condições sociais dos habitantes.<sup>12</sup>

De todo modo, na geografia brasileira, algumas tentativas já se fazem presentes, embora embrionária e tendo como referencial a imagem da cidade de São Paulo, abstraída para o mundo (Carlos; 1992 & Carlos, s/d.).

Percebe-se, portanto, o quanto é verdadeiro as linhas iniciais que dizem respeito às controvérsias e querelas urbanas. A análise das realidades urbanas tem que estar vinculadas às idéias sincréticas, a mediações e embasada no devir, no lusco-fusco da realidade concreta.

---

12. O uso indiscriminado das duas terminologias parte do princípio de que o nome importa menos, sendo necessário apenas as fontes, e mesmo os instrumentos teóricos que se tem por base. Para alguns esclarecimentos sobre as diferenças entre uma e outra terminologia consultar: SANTAELLA, Lúcia. O que é Semiótica. Brasiliense, São Paulo, 1985, em especial às pp. 97-111.



## II. A IMAGEM DA CIDADE

*A vida é a arte do encontro,  
embora haja tanto desencontros.*

*(Samba da Bênção - Vinícius de Moraes)*

### 2.1. DAS RUAS

A cidade de Fortaleza é um produto de vários agentes que a modificam cotidianamente por diversas razões. Nela, e especificamente no centro da cidade (ver planta, anexo I), observa-se somente uma justaposição contínua de usos, que constantemente implicam numa nova gama de relações sociais, econômicas e políticas.

Na verdade, os mistérios e segredos que envolvem este marco referencial da cidade se explicam, na maioria das vezes pelo fato de considerar a cidade parcialmente, fragmentariamente, numa falsa perspectiva de que somos observadores dela. No entanto, para tentar entendê-la numa análise mais global, há a necessidade de nos colocar como parte ativa em sua construção.

O ritmo intenso de uma metrópole, a velocidade das pessoas

nas ruas na construção do espaço,<sup>13</sup> na busca frenética em se reproduzir enquanto fora de trabalho destroe, de certa forma, a possibilidade do entendimento da cidade como "locus" da existência. É preciso ir além da noção de concentração de capital.

Fortaleza torna-se, assim, uma presença invisível, onde os sobrevãos da abstração não conseguem dominar. Daí a necessidade e a importância de falar de Fortaleza e não sobre Fortaleza.

Neste sentido que tentamos demarcar o ponto de convergência dessa iniciação: o centro comercial. Os limites estabelecidos são, sem dúvidas, arbitrários para uma cidade do porte de Fortaleza. Mas isto se faz necessário pelo entendimento que no centro da cidade - antigo centro comercial<sup>14</sup> - que se desenvolvem as relações sociais e políticas que marcam as transformações da cidade capitalista. Os limites fixados são: ao norte pelo Passeio Público ou av. leste-oeste; ao sul pela avenida Duque de Caxias (Boulevard); a leste pela avenida do Imperador (Boulevard do Imperador), e a oeste pela avenida Dom Manuel (Boulevard). (Fotos 1, 2 e 3).

Todavia não se pode deixar de fazer referência a outros espaços que são e estão fora dos limites traçados, mas que guardam uma intensa atividade e se revelam como mensagem

---

13. Cf. Virilio, Paul - Guerra Pura. A Militarização do Cotidiano. Brasiliense, São Paulo, 1984. Neste importante trabalho, o autor se define como um "teórico da velocidade", e discute a presença da velocidade nas cidades. Como se trata de uma entrevista, a questão perpassa por todo o livro. No entanto, confira pp. 57-68.

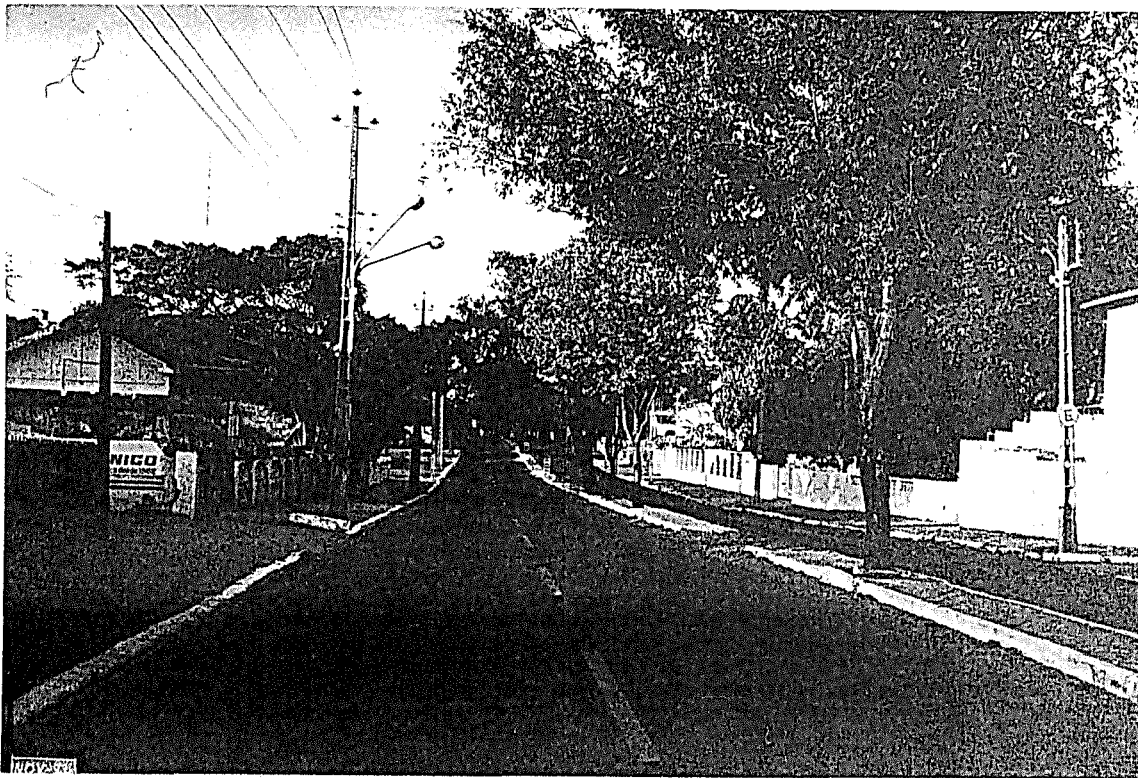
14. Esta noção de centro comercial antigo refere-se ao caso de algumas cidades que desenvolvem outros centros comerciais. No caso de Fortaleza é visível a formação de centros comerciais bastante desenvolvidos; a Av Santos Dumont, Av. Bezerra de Menezes, Av. Gomes de Matos, só para citar algumas.



\* FOTO 1 \*  
Av. Duque de Caxias



\* FOTO 2 \*  
Av. Do Imperador



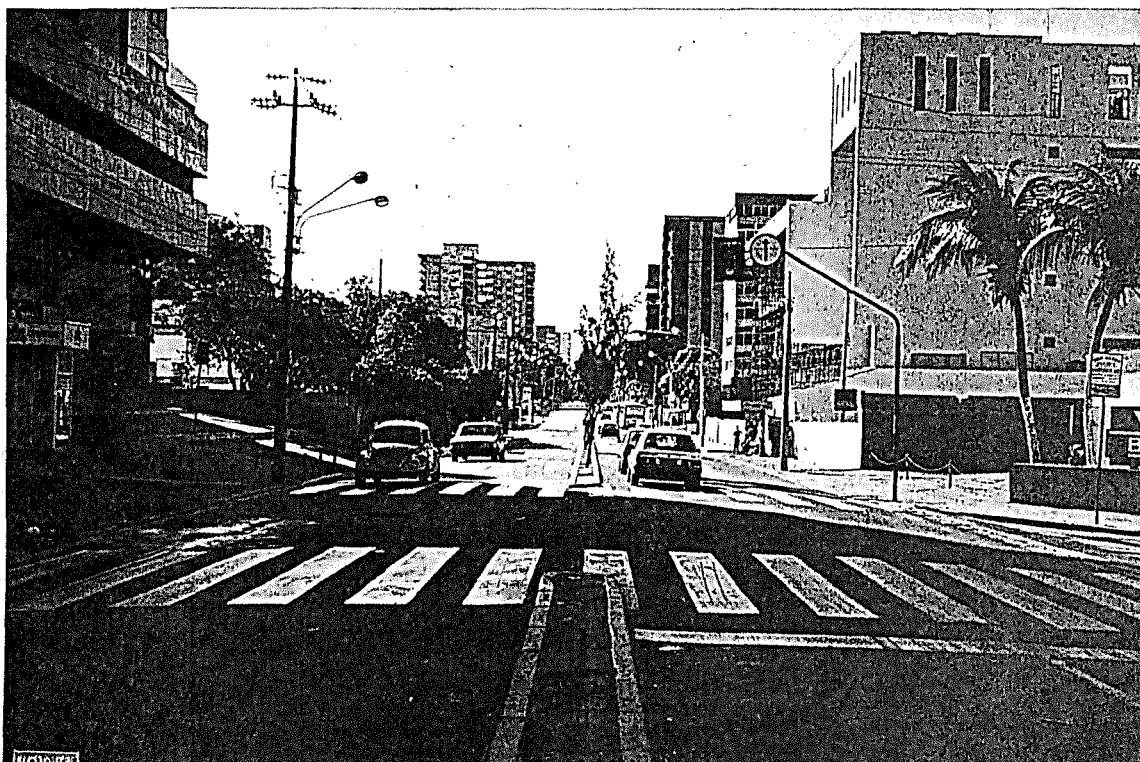
\* FOTO 3 \*  
Av. Dom Manuel

simbólica : as sucatas, oficinas e revendas de automóveis da avenida José Bastos e cercanias; as mais variadas lojas de autopeças, bancos, farmácias, supermercados e tantos outros que fazem da avenida Gomes de Matos (foto 4), no bairro do Montese, a independência total do centro comercial - sobretudo por concentrar outras instituições burocráticas; a Avenida Santos Dumont, com seu centro comercial e financeiro das classes média e alta, "shopping centers" e lojas importadas do sul do país e do exterior e a avenida Dom Luis no mesmo ritmo da Santos Dumont (foto 5 e 6).

A avenida Gomes de Matos se estende entre os bairros do Montese, Jardim América, Damas e Serrinha, sendo ponto de passagem obrigatória para quem se dirige para a zona sul da cidade e para os conjuntos habitacionais presentes na zona residencial da antigo Parque da Maraponga.



\* FOTO 4 \*  
Av. Gomes de Matos



\* FOTO 5 \*  
Av. Santos Dumont



\* FOTO 6 \*  
Av. Dom Luis

É interessante notar que este processo de formação de centros comerciais estava previsto pelo Plano Diretor de 1979 (lei Nº 5122-A) ao estabelecer os centros de bairros próximos aos corredores de serviços. Mas a intensão primeira era o seu desenvolvimento no interior dos bairros e não nos corredores de serviços.

As estruturas nesta área, ou neste bairro, construído sobre várias lagoas e riachos, são constituídas de infra-estrutura de saneamento de águas pluviais, tendo a grande maioria das ruas calçadas - hoje muitas estão asfaltadas - , mesmo sendo habitada por uma população que poderia se chamar de classe popular, ou média baixa, num misto não muito claro, necessitando um estudo sobre renda para poder uma definição mais precisa. O fato que concorre para que as gestões fiquem facilitadas para aquela comunidade, são decorrentes também do poder político estabelecido desde a década de 60, quando este bairro elege o

vereador Narcílio Andrade, que por várias vezes foi o Presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, sendo inclusive sempre um dos mais votados em todas as eleições.

Assim, é necessário fazer referência ao autor que consegue definir as articulações espaciais que ocorrem, ou podem ocorrer no interior das cidades. Desta feita, o modelo analítico proposto para o espaço, urbano no caso, é qualificado da seguinte forma:

"De fato, é através da linguagem espacial que as categorias constitutivas deste modelo devem ser manifesta das e/ou lidas. Por sua vez, isto só será possível, primeiro, puder ser postulada uma equivalência - cuja natureza deve ser precisada - entre as articulações do conteúdo profundo e as da linguagem de manifestação e, segundo, se a distância que as separa for susceptível de ser preenchida por processos de geração e de instâncias de construção, que unem progressivamente o modelo postulado à manifestação espacial. (...). O próprio espaço, neste estágio, é concebido apenas como conceito que totaliza todas estas qualidades, podendo o usuário, por sua vez, ser definido como intérprete do espaço urbano." (Greimas, 1976 pp. 125-27).

Urge, portanto, eleger categorias analíticas que possam dar conta de um processo diferenciado, gerador de espaços, e, de certa forma, estabelecer algumas analogias.

Desta forma, há o entendimento que no centro de Fortaleza as relações capitalistas do intenso comércio se desenvolvem, e a experiência humana mais intensa e profunda dos símbolos de uma

sociedade complexa se realiza.

A ocorrência se dá num certo sentido, qual seja: o centro da cidade de Fortaleza ainda é passagem obrigatória para todas as classes sociais, pois nem todas as formas, estruturas e funções<sup>15</sup> se realizaram nos espaços mais importantes que acima descrevemos de maneira sucinta.

Deste modo, caminhar pelas ruas do centro da cidade de Fortaleza é descobrir a cada dia uma imbricação de tradição e inovação. Algumas ruas, e mesmos quarteirões inteiros se especializam: uma verdadeira "ilha" de ópticas se concretiza na rua Pedro Pereira, entre a rua Barão do Rio Branco e a rua da Assunção. Logo abaixo, no sentido sul, na rua Pedro I, entra-se no "mundo" eletro-eletrônico; pensar numa luminária ou lustre sem antes passar no quarteirão entre Barão do Rio Branco e Senador Pompeu pode não ser uma idéia tão luminosa.

Nesta mesma rua, do outro lado encontra-se um "festival" de aviamentos em atacado ou varejo, que são complementados pelas várias lojas destes produtos no calçadão da Liberato Barroso, entre as ruas Major Facundo e General Sampaio. Neste caminhar do consumo inscrevem-se tantas outras experiências que transformam os espaços em espaços domináveis.

O limite oeste, o primeiro a ser caracterizado, é o Boulevard do Imperador.

-----

15. Estas denominações estão presentes para qualificar os elementos do espaço urbano traçados por Milton Santos em seu livro Espaço & Método. Não utilizamos, porém, tais categorias como definidoras deste espaço, vez que as interações entre os elementos do espaço levados a efeito por este eminente pesquisador do urbano e da cidade se dá sobretudo pelo viés econômico, onde a categoria trabalho ocupa o ponto central das análises, e não é propósito deste aprofundar nesta questão. Ainda assim, não as utilizamos, tal como as utiliza, por entender que a complexidade da cidade e do espaço urbano extrapolam toda e qualquer tentativa de amarras (Cf. Santos, Milton - Espaço & Método pp. 5-20).



Esta é uma avenida que se configura como uma espécie de porta de entrada para o antigo bairro burguês da década de 50-60; Jacareganga. É uma linha limite que divide, hoje, o centro comercial e um grande número de residências ainda presente no bairro citado, Moura Brasil e Farias Brito.

Se hoje ela é um escoadouro das mais variadas linhas de ônibus que partem da Praça Castro Carreira (Praça da Estação) para todas as áreas da cidade, o cheiro de asfalto com diesel, e sua poeira negra, diferem profundamente da década de 40; situação relatada por quem nele vivenciou, e que de maneira alguma se identifica com a de hoje:

" Com suas largas calçadas, sua pavimentação tosca, seus frondosos e elegantes oitizeiros, é minha Via Veneto, minha Avenue Foch, minha Fifth Avenue. Suas casas são diferentes, portentosas, nobres, um relicário arquitetônico das senhoriais vivendas construídas nas primeiras décadas deste século. As fachadas são bem características da nossa assimilação do estilo "Art-Nouveau" com imprescindíveis sacadas de ferro em notáveis trabalhos que são verdadeiras 'rendas' e arabescos fundidos" (Lopes; 1988, 41).

Na linha de raciocínio da descrição acima, poética ou saudosista, o Boulevard do Imperador era ponto de vai-e-vem constante da pseudo-nobreza local, ostentando as mais variadas vestimentas no seu ponto de encontro, e mesmo como encontro de intelectuais - a Praça da Lagoinha (Comendador Teodorico). Na perspectiva geopolítica, esta discussão vem sendo levantada com muita propriedade por Lefebvre:

" O barão de Haussmann, homem dêsse Estado bonapartista que se erige sobre a sociedade a fim de tratá-la cinicamente como despojo (e não apenas como arena) das lutas pelo poder, o barão Haussmann substitui as ruas tortuosas mas vivas por longas avenidas, os bairros sórdidos mas animados por bairros aburguesados. Se ele abre boulevards (o grifo é do autor), se arranja e espaços vazios, não é pela beleza das perspectivas. É para 'pentear Paris com as metralhadoras' (Benjamin Péret). (.....) Os vazios têm um sentido: proclamam alto e forte a glória e o poder do Estado que os arranja, a violência que nêles pode se desenrolar." (Lefebvre: 1969, 20).

Nota-se, apenas, a convivência de certa forma conflituosa entre o comércio variado e alguns moradores que ainda resistem tanto a especulação em torno dos "pontos", quanto ao movimento incessante do Centro, ao conviver com comércios de couros, gráficas, lojas de representações, jornais (A Fortaleza - de circulação restrita ao centro da cidade), colégios e escolas noturnas, imobiliárias, federações de trabalhadores, várias funerárias, ou casas mortuárias, entre outros.

Neste caminhar do consumo, entre tantas coisas ousadas e atrevidas realizadas pelas classes populares, habitantes constantes do centro da cidade de Fortaleza, inscrevem-se outras experiências que tornam esses espaços em espaços domináveis pela

mais simples percepção.<sup>16</sup>

Uma cidade, um centro comercial com mais de um século de existência, inexistente sem pontos referenciais simbólicos (Greimas, 1981 & Lynch, 1982), as ruas e as praças são dois deles que identificam a complexidade da cidade e de espaço urbano.

Desta forma, as praças inseridas no centro de Fortaleza são experiências objetivas que conduzem a mais ampla negação da produção do espaço como fruto do movimento circular da totalidade imediata. É aqui que se entra numa polémica extraordinária. Pois, a totalidade é construída da relação de algo mediato e imediato, e é justamente a totalidade mediata que se realiza num processo infinito e inacabado, e a totalidade imediata precede, apenas, como fundamento de toda e qualquer atividade humana.

## 2.2. DAS PRAÇAS

Neste caminhar do consumo, increvem-se experiências fantásticas que podem transformar os espaços do centro em espaços domináveis pela existência.

Poderíamos retomar, aqui, a velha discussão sobre a praça, que nas sociedades capitalistas, deriva dos mercados e das ágoras

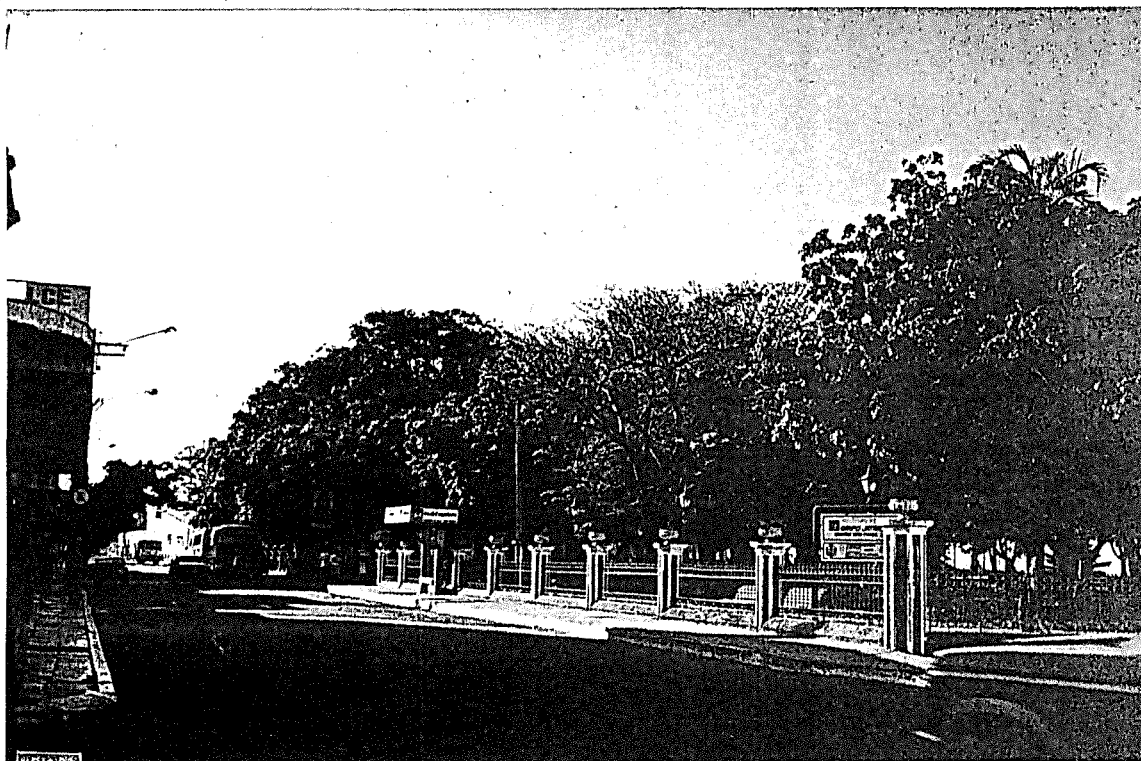
---

16. Sobre a questão da percepção ou, "a coisa e a ilusão"; as possíveis contradições entre as análises propostas para apreender a realidade estão presentes numa reflexão que induz, certamente, na crítica ao materialismo histórico, vez que o objeto de análise é uma relação construída a partir da certeza sensível do sujeito da Ciência: "O princípio do objeto - o universal - é em sua simplicidade um mediatizado; assim tem de exprimir isto nele, como sua natureza: por conseguinte se mostra como a coisa de muitas propriedades.(....) Com efeito, só a percepção tem negação, a diferença, ou a múltipla variedade em sua essência." (Cf. F. Hegel - Fenomenologia do Espírito (parte I) Vozes, 1992, pp. 83-94)

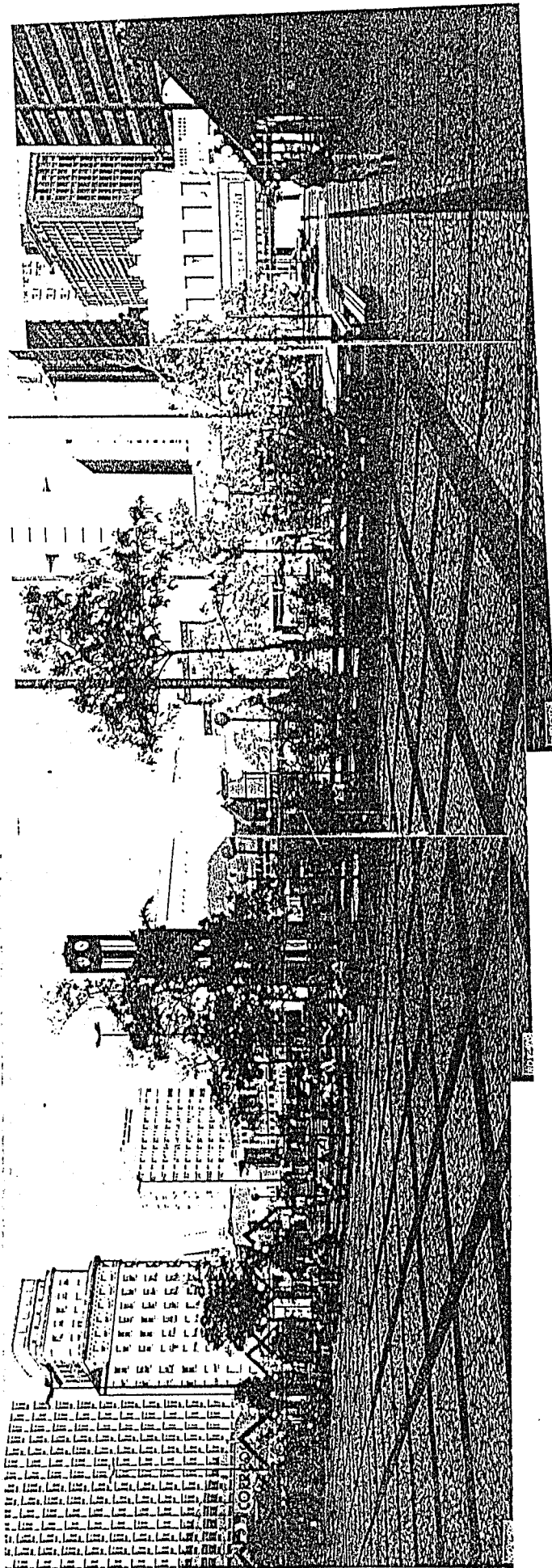
gregas. Mas esta questão tem que ser pontuada historicamente para não incorrer no erro de querer transformar a praça atual numa perspectiva idealista, ou ideológica. Ou seja, de imaginar que a praça é utilizada por cidadãos livres não inseridos nas tensões sociais da sociedade de classes.

Esta parece ser uma advertência importante para os estudiosos da cidade (Lefebvre, 1969:43). Pois sem ela estaríamos induzidos a pensar a cidade moderna, atual, à moda antiga: ideal e racional.

Em que pese a debilidade teórica, é interessante apontar criticamente o capítulo "Praças e Jardins" da monografia de aperfeiçoamento do arquiteto Joaquim Cartaxo (Cartaxo, 1984). O fato de remeter ao trabalho acima citado, se deve a originalidade com que este militante partidário tenta analisar a cidade a partir de fatos concretos, no caso dois espaços públicos: o Passeio Público (praça dos mártires) e a Praça do Ferreira. (fotos 7 e 8).



\* FOTO 7 \*  
Passeio  
Público



\* FOTO 8 \*

PRACA DO FERREIRA  
DEPOIS DA ULTIMA REFORMA

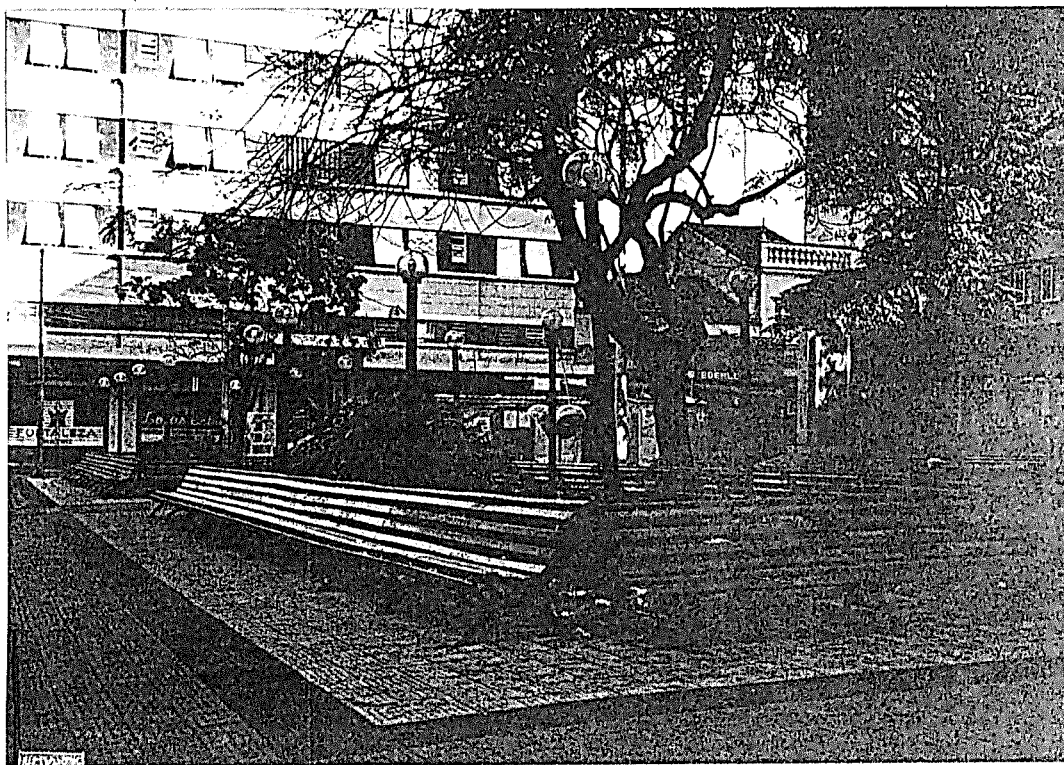
No trabalho em questão, há a tentativa de vincular esses espaços aos objetos da cidade antiga, fugindo da advertência colocada, e tentando transformar as análises em "palavras de ordem" que levam a uma politização e sobrepolitização de quaisquer ações políticas sobre estes espaços.

Este cuidado está presente aqui neste trabalho, visto que a possibilidade de cair na ingenuidade é grande devido, certamente, a busca de imagens públicas que o usuário habitual do centro faz do espaço em que vive e se reproduz.

Desta forma que buscamos recolher um certo embasamento no empírico para nortear nossas análises.

No centro, segundo o levantamento de Cunha (Cunha; 1990), existem 27 praças e parques, entre oficiais e não oficiais. Deste total, apenas 18 (dezoito) estão localizadas na área de pesquisa. Dentre as 18, muitas são de pequena expressão (foto 9), e não se tornam grandes referências para o usuário.

\* FOTO 9 \*  
Pça. Waldemar  
Ferreira  
entre a rua  
Floriano Peixoto  
e Gal. Bezerril



São locais de passagem, muitas vezes dominadas pelo comércio ambulante, e, na maioria dos casos, de pequenas dimensões. São usadas, às vezes como ponto de espera para transportes, onde pode-se descansar dos ir e vir do centro.

Outras praticamente não existem, pois foram transformadas em pontos comerciais, como banca de revistas e pequenas lanchonetes ou fiteiros.

Caminhemos por elas. Saindo da área leste dos limites estabelecidos: na av. Dom Manuel é o Parque do Pajeú (rio perene que cortava a cidade, hoje pode-se chamar de um esgoto a céu aberto) (foto 10), idealizado e construído na administração do prefeito Lúcio Alcântara (1979-82) - no bojo da política de parques implementada por esta gestão, que sofria importantes

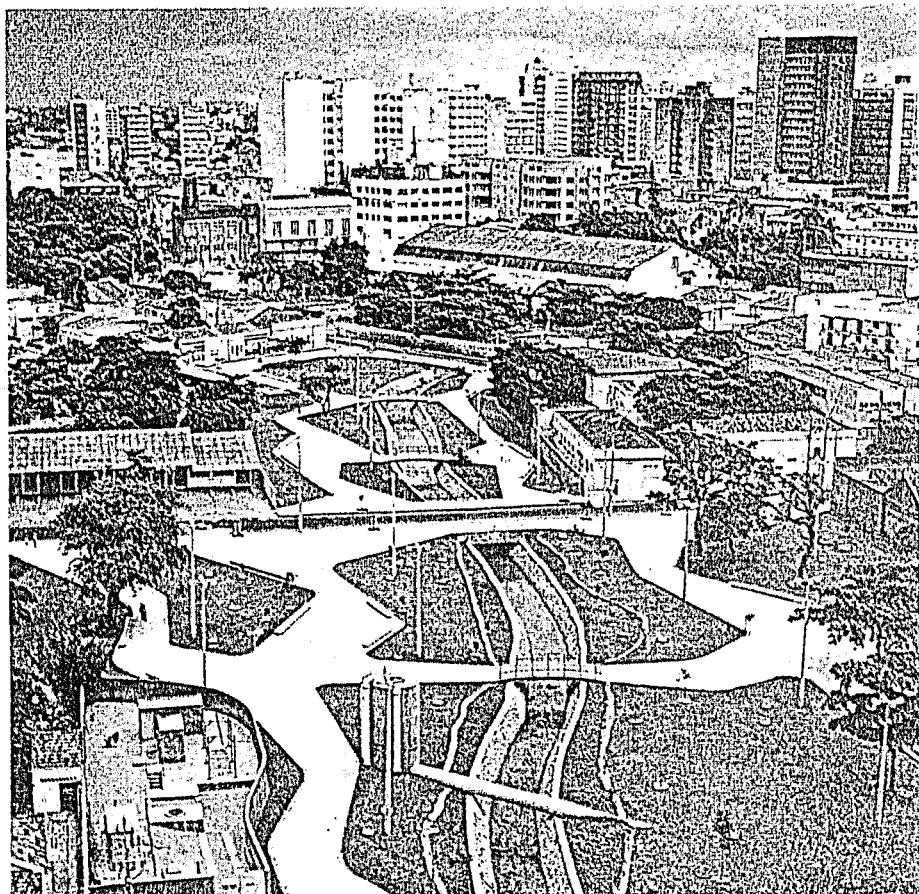


FOTO 10

Vista aérea do  
Parque Pajeú.  
In: Pref.Mun.  
Fort., 1982.

pressões dos movimentos ecológicos - de pequena dimensão, pouco utilizada, a não ser por casais de namorados nas noites, mas no geral, tornou-se uma passagem, economizando para os transeuntes duas quadras para quem tem que "tomar" um ônibus com destino às áreas sul e sudoeste da cidade.<sup>17</sup> Mais recentemente, vem sendo ocupado, em seu entorno, por pequenas lojas de serviços, hotéis e pousadas, bares e escritórios; isto devido ao fato da Av. Dom Manuel ter-se tornado um importante corredor de serviços ponto de passagem quase obrigatória para a concentração de confecções da Av. Monsenhor Tabosa, podendo ser qualificada, ainda, como o elo de ligação entre o comércio de maior poder aquisitivo da Monsenhor Tabosa e Mercado Central, nas cercanias da igreja da Sé, no centro.

Ainda na parte leste, na própria Av. Dom Manuel, mais ao norte, encontra-se a praça Cristo Redentor, identificada pelo poderoso símbolo, em estilo coríntio, em que muito lembra a Praça da Bastille, em Paris: um monumento de 35 metros de altura com uma estátua de 2 metros. Mas popularmente a identidade dela é por ser em frente ao seminário da prainha, pois os que ali passam, ou a fazem como ponto de referência, é para se deslocar ao sentido leste da cidade, e a chamam de praça do seminário, numa alusão ao seminário logo à frente.<sup>18</sup>

---

17. Cf. Jornal O Povo de 28/03/88 .

18. Durante cerca de um ano, fizemos uma pesquisa num bar próximo, e ao perguntar a localização da Praça do Cristo Redentor, um boa parte dos usuários a identificavam como sendo a Praça do Seminário ou da Faculdade de Filosofia, numa divisão muito grande quanto à identificação. Não raro, falavam na praça do Cristo, pois a estátua é bastante representativa, seja como símbolo do poder político (um pequeno panopticon) ou de religiosidade.



Antes da reforma por qual passou a praça, era bastante utilizada aos sábados por uma feirinha de artesanato e comidas. Nem a proximidade com o círculo dos trabalhadores cristãos (Teatro São José) e mesmo com a biblioteca central, mudou sua característica principal de passagem ou de espera pelos transportes.

Adentrando, no sentido oeste, ainda tendo por base a Av. Dom Manuel, após uma quadra, encontra-se a praça Figueira de Melo, mais conhecida como praça da Escola Normal. Antes da reforma<sup>19</sup> as suas margens eram ocupadas por biscateiros e por botecos de que ali estavam em decorrência do terminal de ônibus intermunicipal, que ligava Fortaleza às cidades próximas; como Pacajús, Chorozinho, Horizonte, Aquiraz (na Região Metropolitana), Pacatuba, entre outras.

Mais uma vez, as referências dadas a este espaço público são decorrentes de sua história (de pouco importa o Senador Figueira de Melo), visto a presença do estabelecimento de ensino desde a década de 20 deste século. Hoje, repete-se a forma como passagem, ou espera de transportes para a zona leste da cidade.

Mais ao norte, logo próximo (duas quadras), encontra-se o Bosque Dom Delgado, onde o poder mora ao lado (ou morava). É conhecido como uma continuidade do Paço Municipal, bem arborizado, serve de passagem para os funcionários da Prefeitura

---

19. Não houve nenhum levantamento aprimorado sobre o deslocamentos dos transportes coletivos na cidade, todas as referências sobre eles se dão de forma indutiva, e pelo conhecimento empírico das áreas em questão. Isto também não quer dizer que outros terminais não favorecem os deslocamentos para as mesmas áreas. Poderíamos fazer um levantamento exaustivo das linhas de ônibus da cidade, mas isto escapa ao nosso propósito. Embora este parque tenha sido incluído nos levantamentos que Noélia Cunha fez, ela faz questão de frisar que não foi encontrado nenhum documento oficial de sua criação.

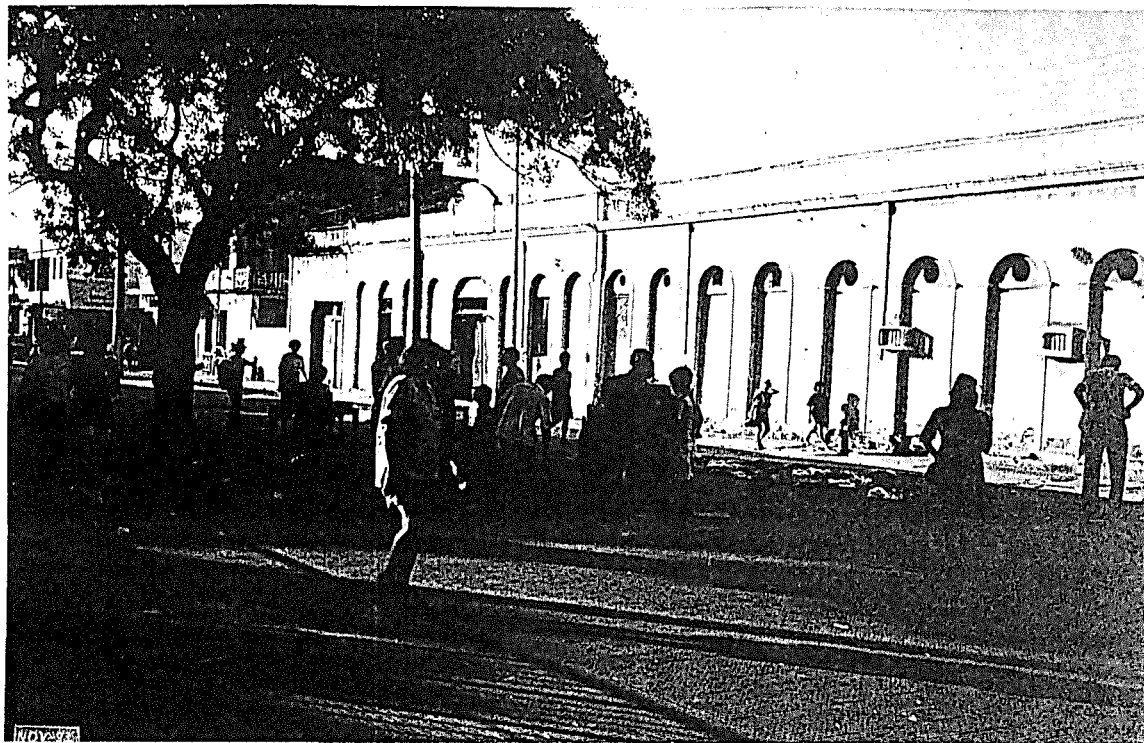
entre outros para encurtar caminho entre o centro e áreas periféricas. É permanentemente vigiado pela guarda municipal.

Hoje, com a atitude geopolítica do Poder Público de se deslocar para o bairro da Serrinha, acontece uma pequena transformação no sentido do seu uso, ainda não muito visível. Como boa parte dos antigos parques e praças da cidade, é um local cercado de grades e o acesso é limitado ao expediente de trabalho da Prefeitura. Parece que no bojo da política de reformas estruturais e políticas, pretende-se utilizá-lo como extensão da Secretaria de Cultura do Município, para eventos por ela promovidos, e que se localiza numa das extremidades do Bosque. A sua história está muito mais para antigo Palácio Bispo e para sede da Prefeitura Municipal do que espaço público.

Por outro lado, a Praça da Lagoinha encontra-se em estado de refúgio e de fantasia para todos os tipos de roubos e furtos, imundície e promiscuidade, concentrando as mais variadas vendas de produtos roubados: televisões, rádios, ventiladores, aparelhos de som, relógios e bugingangas diversas que são negociadas a preços módicos, com a anuência dos policiais que até mesmo participam de alguns negócios. (Foto 11).

É a "feira dos malandros" que dá vida a este importante espaço público. São populares de baixa renda que recorrem a estes negócios para poder ter acesso à modernidade eletro-

\* FOTO 11 \*



eletrônica.<sup>20</sup> Os moradores nesta praça não são raros: crianças dormem na antiga retreta; bares e pequenos botecos se estabeleciam no "Beco da Poeira" até meados do ano de 1991, hoje utilizado como "mercadão dos camelôs"; à noite as conversas se prolongam noite a dentro; homens e mulheres conversam entre um gole de cachaça ou uma "geladinha" (cerveja) e usam a praça para os mais variados gostos: "nunca tinha visto tamanha promiscuidade. Até motel funciona entre esta comunidade", é o que diz um vendedor de bombons e cigarros, que há mais de dez anos ali trabalha.

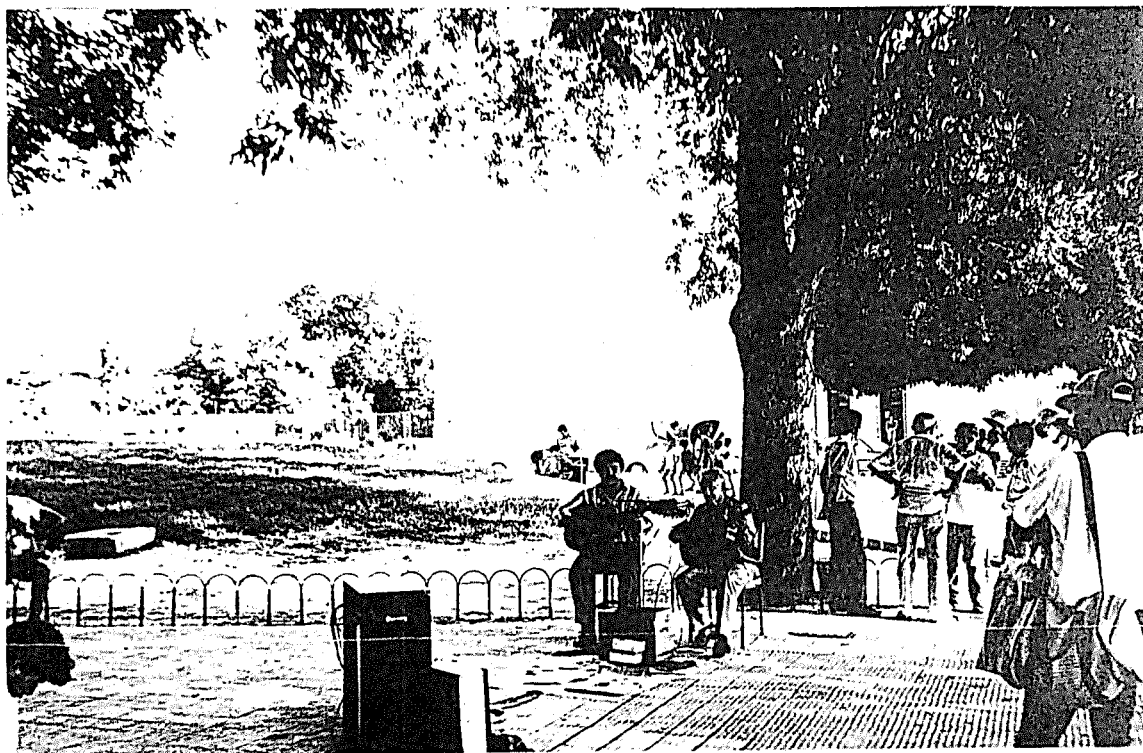
Lembra ainda do antigo administrador da Praça, "seu" Raimundo, assassinado provavelmente por tentar combater tais

20. Uma importante polêmica vem sendo realizada desde alguns anos. Trata-se da falada "revitalização" do centro de Fortaleza, iniciada, de alguma forma, na gestão do Prefeito Juraci Magalhães (90-92). Os seus defensores são sobretudo arquitetos que, por uma lado trazem uma preocupação com memória cênica da cidade, e por outro, revelam-se os mais descabidos preconceituosos. Pois, à partir do momento que a classe média-alta não necessita dos serviços estabelecidos no centro da cidade e este é "dominado" por classes populares, como único locus de reprodução, utilizam os intermediários intelectuais para colocar as relações sociais no centro como "decadentes". É o que tenta retratar Cartaxo Filho (1984) ao caracterizar o deslocamento das atividades econômicas-sociais para a zona leste, e Fausto Nilo, que "deplora a decadência do centro" (Cf. Jornal O Povo 16/08/90).

atos.<sup>21</sup>

Atualmente, a praça encontra-se reformada, com designer moderno, mas o ritmo de seu uso já retorna lentamente ao que era, colocando em "xeque" os desatinados planejadores do Poder Público Municipal.<sup>22</sup>

Por sua vez, a Praça José de Alencar (fotos 12 e 13) dispensa maiores comentários. Ela por si só é representativa da complexidade social. É nela que ocorrem os grandes comícios, os grandes "shows" culturais, os violeiros, repentistas e tocadores e a manifestação religiosa e suas pregações. Não é fora de



\* FOTO 12 \*

---

21. Vale salientar que nossas pesquisas foram feitas entre os anos de 1987-1992, em jornais e in loco. Porém, a partir do ano de 1990, começa uma política de reformas na cidade, na qual as praças são umas das principais atingidas, o que dificultou todo o levantamento feito anteriormente, e que de alguma forma modificou nossas perspectivas e induziu a análises políticas, visto a grande transformação por qual passou, e passa, a cidade, e nela, incluídas as praças.

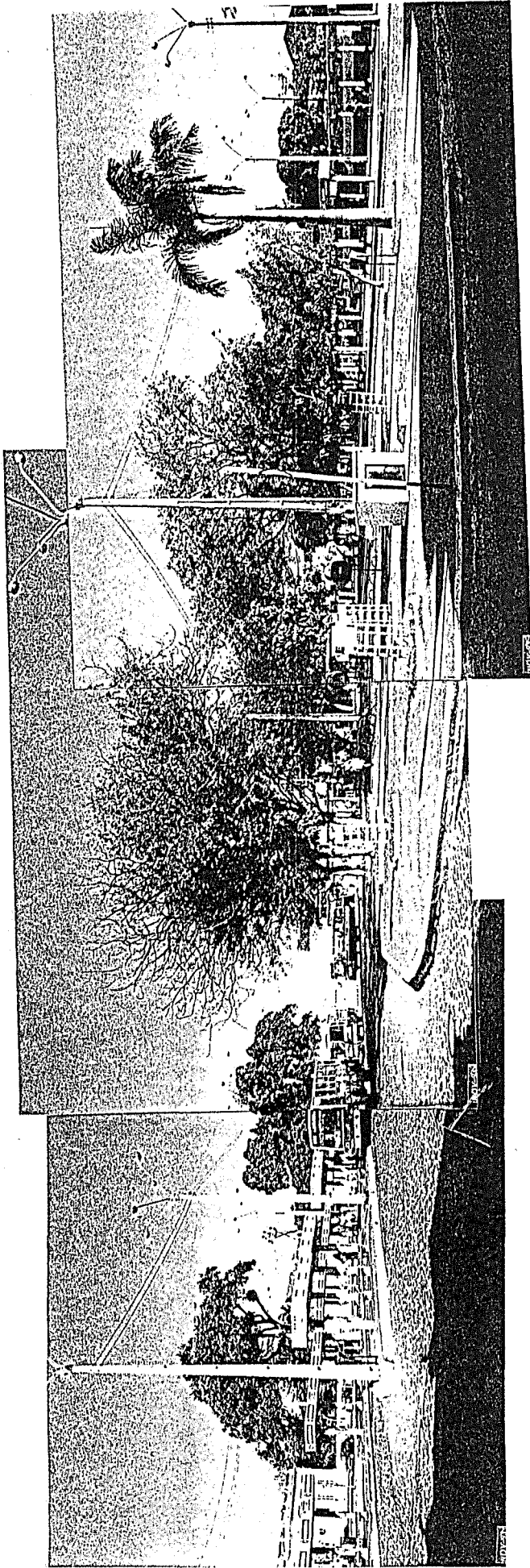
22. Cf. Azevedo, Miguel Angelo de (NIREZ) - Fortaleza: ontem e hoje - Pesquisa ilustrada Prefeitura Municipal e Fortaleza, Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza - Fortaleza, dezembro, 1991 p. 113.

propósito, a tentativa de despolitizá-la. Podendo-se citar a ação da Secretária de Cultura do Estado, Violeta Arrais, durante o Governo Tasso Jereissati (Jornal O Povo 19/02/90). Pois é nesta praça que as classes ditas populares se encontram para se reproduzir e colocar suas propostas.



\* FOTO 13 \*

De outra forma, a Praça da Estação (Castro Carreira) (foto 14) é local de ir e vir. Localizam-se aqui as várias linhas de ônibus - bem como a Estação Ferroviária - que fazem a ligação do Centro com as áreas denominadas periféricas e de habitações de população de baixa renda. É também no seu entorno que estão presentes alguns motéis, bares e cabarés que fazem o divertimento das pessoas que aí transitam. (Cf. anexo I).



\* FOTO 14 \*  
PRACA CASTRO CARREIRA  
DA ESTACAO

### III - A CIDADE NAO REVELADA

#### 3.1. A VIDA DOS BARES OU OS BARES DA VIDA

Os bares, cabarés e restaurantes espalham-se pelo centro de forma muito singular. De forma geral, é na 'periferia' do centro, ou pelos menos daquele limite aqui estabelecido, que eles se encontram.<sup>23</sup> Incluem-se aqueles com maior movimento, ao dia ou à noite, em que são frequentados por uma intelectualidade, artistas, funcionários públicos e outros bêbados, como outras tipologias.

O propósito não é estudar e analisar a organização social e o funcionamento dos botecos, mas buscar entender se é possível um exame crítico da 'cotidianidade' na transformação em imagem do espaço geográfico em questão, seja ele através de uma linguagem escrita, ou aquela que costumou-se chamar de linguagem não verbal.<sup>24</sup>

No sentido de organização social, um trabalho que retrata, coincidentemente ou não, um boteco de Fortaleza localizado numa favela é o de Silva (1978).<sup>25</sup>

O número de bares e restaurantes no centro é grande -

---

23. Não é propósito aqui estabelecer uma longa discussão sobre as questões referentes à contradição centro-periferia, se é que existe esta contradição. Quando muito, refere-se apenas aquelas áreas e locais que se encontram próximas aos limites físicos propostos para análise.

24. Sobre o cotidiano, o conceito aqui utilizado é aquele presente em Heller (1985) que diz: que "a vida cotidiana não está fora da história (nunca esteve), mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social" (Heller; 1985, 20).

25. Silva, Antonio Machado da - O Significado do Botequim In: Cidade: Usos & Abusos, São Paulo, Brasiliense, 1978 pp. 73-113.

cerca de 350 - , por isso impede um estudo mais efetivo sobre os bares em geral. Aqueles aos quais propõem-se averiguar diferem em posição em relação a outros e também no tipo de atendimento e frequência. Ao fazer uma classificação dos bares, por atividades, observa-se que os botecos, cabarés e restaurantes que não se limitam a lanches rápidos, pratos feitos, sucos, etc. são justamente os que se localizam naqueles limites aqui propostos.

Pois, na verdade, há uma certa 'geopolítica' dos bares, que não se limitam ao exposto, mas reproduz a idéia centro-periferia, tendo em vista a noção mais vulgar de periferia, ou seja, enquanto encontram-se estes nos limites, ao mesmo tempo não significa que não existam bares que vendam bebidas alcoólicas nos que estão por dentro desta centralidade, mas a especialidade em lanches rápidos permanece como prioritária.

Assim, falar de bar é resgatar um significado social profundo. Muitas vezes pode-se notar a noção espacial que os habituais frequentadores, e mesmo os não habituais, estabelecem com seu entorno e seu espaço vivido. Estabelecendo uma reação às vezes preconceituosa ou 'de classe' e muitas vezes com conteúdo propriamente da alma.

Na história do centro muitos foram os locais, que nostalgicamente, revelam o uso social, e com o desenvolvimento das idéias de sub-mundo foram sendo gradativamente expulsos pelo processo de melhoria e "saneamento".

Os bares e botecos nas adjacências da praça do Ferreira, por volta da década de 50 deste século até aproximadamente o início da década de 70, são temas de alguns literatos. A noção básica da distribuição deles pelas ruas Liberato Barroso, Beco dos



Pocinhos, Guilherme Rocha, São Paulo, etc. é vista por Galeno, 1991. A atração que exerciam os botecos estava na originalidade dos tira-gostos e nas aguardentes; quanto mais velha e macia a aguardente, mais procurado o boteco.

Dentro desta questão, é sempre erigido o fato de que "eram grandes os preconceitos contra a cachaça e os cachaceiros. Todo alcoólatra, todo bêbado desclassificado, fosse que bebida fosse, era chamado de cachaceiro, quando de acordo com a boa semântica, cachaceiro devia ser o fabricante e não o consumidor da cachaça." (Galeno; 1991, 69)<sup>26</sup>

Deixa-se aberta a porta para as controvérsias não menos importantes; " por se tratar de uma bebida do povo, o fato é que a polícia procurava dificultar a venda de cachaça " (Ibdem).

A comprovação destas afirmações está no fato de que, por longos anos, a venda de cachaça era proibida nos períodos de carnaval e outras festas, sendo somente liberada no ano de 1974 (Galeno; 1991, 70).

O curioso em relação a estas questões está na referência à localização desses espaços, não como lugar de bebida, mas sobretudo como espaço de debates. Eram nestes lugares que se discutia política e acontecimentos mundiais de forma "livre". O livre está aspeado porque, na verdade sempre existe o mediador, que no caso era o dono do bar, quando das discussões mais

---

26. Em que pese as diferenças dos estudos, Silva, 1978 tenta classificar o indivíduo nos últimos estágios do alcoolismo e diferenciá-lo em termos de classe: " Um estado de semi-embriaguez, ou mesmo embriaguez completa eventual, pouca influência tem no conceito do indivíduo entre os demais fregueses. Esta atitude é muito diferente do procedimento da 'classe média' (o grifo é do autor) que, quando aceita a embriaguez, não leva à sério a pessoa que se encontra nesse estado.(...) No botequim, só a muito custo se pode aceitar que a pessoa embriagada não é responsável por seus atos e palavras." (Silva; 1978 op. cit. p. 88).

acaloradas.<sup>27</sup>

é desta forma que Galeno tenta definir, descrevendo o local e a forma dos acontecimentos:

"... Oliveira era um papeador sem igual. O boteco, instalado em um pardieiro imundo, dispunha de uma mesa e de vários tamboretos destinados àqueles que ali faziam cátedra. (...) Homem letrado, dono de uma cultura conseguida graças aos jornais e revistas, Oliveira encontrava nos bate-papos a sua cachaça. (...) Quando o acontecimento se tornava por demais polêmico, ele acabava por bem tornar proibidas as discussões ..." (Galeno; 1991, 70-1).

Se a frequência era indistinta de classe social, os nomes dos frequentadores arrolados por Galeno indicam, contudo, exímios representantes da classe média de Fortaleza, não fazendo nenhum comentário sobre qualquer tipo "popular" presente nas discussões ou mesmo nas rodas de bate-papo. Revela, apenas, um certo exotismo com os episódios.

Contudo, é denotador como desses espaços saem resistências às tomadas de decisões do Poder Público, e são expressas nas mais variadas formas. Sobre a Cachaça: "Uns gostam dela moída/ Outros preferem chupada./ A minha cana querida/ Eu só quero engarrafada." (Galeno; op. cit. p. 72).

Do mesmo modo, mas repleto de formalidades historiográficas,

---

27. A comparação possível de ser realizada não é fora de propósito: pode-se aventar as discussões públicas nas tavernas da "Paris do Segundo Império" sobre o imposto do vinho e todo o deslocamento forçado, e em forma de protesto que os trapeiros realizavam até a barreira para conseguir beber o vinho que não fosse taxado por impostos: 'Há mulheres que não hesitam em acompanhar o marido até a barreira, junto com os filhos já em idade de trabalhar ..... Em seguida, põem-se todos a caminho de casa meio embriagados e se fingem de mais bêbados do que estão na verdade, de modo que fique claro que beberam e que não foi pouco.' (Benjamin; 1989, 15-16 e seguintes).

Girão (1979) discorre sobre os salões e cafés de Fortaleza desde o início do século passado. Argumentando a importância deles para a formação de grupos literários, jornais, revistas, grupos políticos entre outros; relatando a relevância desses espaços públicos como de manifestação do imaginário social e por consequência de uma imagem da cidade (Girão; 1979, 175-205).<sup>28</sup>

Por outro lado, a descrição dos salões e cafés, na década de 40 deste século, é meritória de apreço pela precisão dos detalhes das formas que compunham estes espaços. Lopes, a faz num extremo bucolismo romântico:

" Os salões não eram amplos, mas como todos funcionavam nos terreos de antigos prédios tinham pé-direito bastante elevados, o que lhes conferia certa dignidade. Todos tinham muitas portas, meia parede azulejada com o indispensável frizo de arremate, em relevo" (Lopes; 1988, 69).

Caracteriza, por sua vez, a frequência nestes salões e cafés como derivada das atividades das proximidades do poder público - perto deles estavam a Câmara Municipal e a Assembléia Legislativa - e pela vontade de tomar um café ou pedaço de bolo. Este pudor em não colocar a discussão política, a cachaça, a bagunça presentes e mesmo o conteúdo social que identifica e justifica o encontro de idéias díspares é motivo de estranhêza por parte de Mariano Martins, antiquarista e figura ímpar na revisão musical

---

28. Sobre a formação de grupos literários em Fortaleza Cf. Azevedo, Sânzio - Grêmios Literários do Ceará. In: História do Ceará. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará/Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1989 (Coord. de Simone de Souza).

popular.<sup>29</sup>

Nestas tentativas de construção histórica manifesta-se a cidade, no seu esplendor de cidade moderna adequada ao século XX e na preparação ao século seguinte, numa ampla e profunda representação para aqueles que conseguem captá-la a partir de sua cotidianidade.

A vida dos bares, e nos bares, representa ao mesmo tempo um triste cenário da modernidade. A cultura da sociedade de classes, porém, não consegue apagar a resistência surda, expressas na linguagem verbal e não verbal dos poetas e nos traços dos mais reacionários artistas plásticos. Revelando muitas vezes a cidade ideal, mas também expressando as contradições e os conflitos interiores da sociedade.

É o que descobriu um dos pesquisadores da imagem da cidade; o quanto que todo e qualquer habitante, ou usuário da cidade forma um conceito que se assemelha a imagem pública (Lynch; op. cit.).

No que diz respeito aos bares e restaurantes no centro, é dever entendê-los como espaços públicos de discussão, seja poética ou política, quando os setores de manifestação pública estão limitados a parlatórios e casas apropriadas, dominados por uma razão absoluta do poder dos donos.

Deste modo, a reflexão surgida nos guetos são transformadas, pela dinâmica das idéias do poder, em secundárias trazendo a transformação dos espaços em espaços periféricos.

---

29. Conversa informal na casa de Mariano Martins, defronte ao famoso Bar do Mané Bofão, especialista em paneladas, buchadas e mão de vaca, na rua Estrela, ao som de Dalva de Oliveira, em original de cera.

Por isso não há como deixar de considerar que os cerca de 350 (trezentos e cinquenta) bares, restaurantes e lanchonetes do centro<sup>30</sup> obedecem uma "lei" imaginária na permissão ou não de grupos de "resistência".

Contrariamente às descrições anteriores que identificam a necessidade do bar, café, ou qualquer outra coisa parecida, como sinônimo de bate-papo e reflexões sobre as situações polêmicas da sociedade, há de se notar que até o início da década de 70 deste século, o centro de discussão política estava no centro da cidade, dado à proximidade com o poder institucional.

Por isso, as atitudes de transportar as casas legislativas para outras áreas da cidade foram impregnadas de ação geopolítica, em momento algum analisada de forma criteriosa por pesquisadores da cidade.

No momento de crescimento acelerado da cidade, as classes ditas subalternas passam a ocupar o centro de maneira mais efetiva, vez que os bairros de origem não são dotados de infraestrutura de serviços capaz de comportar a demanda.

É como fruto do crescimento e desenvolvimento urbano que surgem as idéias de "revitalização" do centro histórico de Fortaleza. Os então bares e restaurantes tradicionais tendem a sair dos locais de origem ou mesmo entrarem em processo de "decadência", derivado da modificação do tipo de frequentadores. Em geral, dado as frequências anteriores, são desmobilizados e caem na recordação e na reminiscência, tornando-se restos de

---

30. Levantamento da Divisão de Vigilância Sanitária (DVS) da Secretaria de Saúde do Município de Fortaleza  
In: Jornal O Povo 12/05/91 .

sonhos de uma "classe média" deslocada de seu ambiente, ficando apenas alguns destes estabelecimentos, como o Flórida Bar e o Restaurante Belas Artes (fotos 15, 16 e 17).



\* FOTO 15 \*

Eles mantêm-se no simbolismo de pessoas "importantes" do poder local. Assim é retratado :

"Entre as figuras conhecidas que deixam as mordomias de suas casas para comer paneladas com aperitivo, estão o vice-governador Castelo de Castro, o Desembargador Haroldo Rodrigues e o Deputado Wilson Machado" (Jornal O Povo 03/10/88).

\* FOTO 16 \*  
Restaurante Belas Artes  
situado à rua Major Facundo n. 52



\* FOTO 17 \*  
Restaurante Belas Artes

É bastante revelador a visão de um habitual usuário do Flórida Bar. Este, mesmo estando no centro da cidade, entende que em outros locais a confusão é reinante, mas aquele que costumeiramente utiliza é frequentado por pessoas "de bem", e é diferente: "às vezes a gente se reúne só para um bate-papo. Aqui não tem desordem" (Jornal O Povo op. cit.). Outro completa o sentido privado e patrimonialista dos locais públicos: "aqui é como se todos fossem da mesma família" (Ibdem).

Nota-se, no entanto, a clara demarcação social. Primeiramente o sentido de quanto é importante um local onde não exista "desordem"; segundo a fundamental relação pessoal construída com os donos dos bares, adquirindo certa proteção.

Salienta-se, desta forma, as reflexões sobre as diferenças entre indivíduo e pessoa no Brasil. É comum colocar as interrelações pessoais como elemento definidor das relações sociais. Este modo de agir coloca-se ao lado de escalas hierárquicas que conduzem o autoritarismo da sociedade brasileira, é aquele "voçê sabe com quem está falando?" que diz DaMatta (DaMatta; 1983).

Por outro lado, por dentro das espacialidades possíveis, estes tradicionais restaurantes estão localizados de maneira que fogem à desordem e à "massa ignara" (expressão de um interventor para designar as massas populares), pois estão na periferia do centro.

O que se resgata são outros bares, e mesmos restaurantes que se espalham no centro e são constituídos como locais de passagem pelo fato de localizarem-se próximo aos terminais de ônibus, trazendo grande fluxo de pessoas, e sendo muitas vezes



bar/restaurante/cabaré.

Estes estão, em geral, na periferia do centro, caracterizando-se como elemento de canto e imaginação prodigiosa de poetas, boêmios, desocupados ou simplesmente trabalhadores que fazem do centro local de trabalho, lazer e diversão.

É o que resgata a confraria Padaria Espiritual (foto 18),



\* FOTO 18 \*

sósia do mais antigo agrupamento literário de Fortaleza; o cotidiano indistinto de classe, onde o popular se encontra com o inesperado, de maneira que os bares são lembrados como símbolos

do imaginário, do modo de vida que constroi a cidade. É de dentro desta confraria, estabelecida no bar Padaria Espiritual, localizado à rua Pero Coelho, esquina com 25 de Março, que são refeitas as imagens impressionantes dos transeuntes populares: "ereta, oitavada, como vinte-e-não-sei-quantos andares de tamanho. A torre ( o grifo é do autor) semi-concluída na avenida Barão de Studart, quase esquina com a Antonio Sales, recebeu, na pia batismal da irreverência popular, nome muito do apaideguado: Pomba-em-Pé " (Jornal O Pão Ano I, 1992 Nº 2).

Um dos editores deste mesmo jornal, como complemento das pesquisas que faz Tarcísio Matos e Mouzar Benedito (Jornal O Povo de 10/05/88, 13/09/88, 18/12/89 e 13/09/90 e Revista Chiclete Com Banana Nº 21, 1991 p. 23) na busca de representatividade do cotidiano revelado pelo "pitoresco da bodegas" diz:

" Observam-se (sic!) no interior das bodegas as coisas mais interessantes em torno do fiado. Quadro dos Velhacos: 'FIADO SO AMANHA!' e orações como esta: quando entrares nesta casa/olha bem para esta cruz/não me fale em fiado/pelo nome de Jesus! " (...) Aqui não entra bêbado. sair pode/não guardo pacotes para evitar embrulhos/aqui reúnem-se pescadores, caçadores e outros mentirosos" (O Pão, ano I, 1992 nº 3).

Do ambiente daquele bar, localizado à rua Pero Coelho, relata: " que é um verdadeiro museu de objetos que comumente as mercearias ostentam: chifres, fetos, placas de carro, emblemas de times, etc. (O Pão, ano I, 1992 nº 3). Mas, a melhor apreciação deste espaço está por vir em forma de poema: " (...) A frente penduricalhos,/ fotos, flâmulas e placa,/ viola velha e

chocalhos,/ caleidoscópio que aplaca /as visões, chifres de galhos,/ grudados em goma-laca./ Vejo ainda um berimbau/ e a oração do Pau d'água,/ garrafas e o 'escambau',/ gente conversando água/ e história de babau/ que em riso se deságua (...)" (Padaria Espiritual (o boteco)) (Jornal O Pão ano I, 1992 nº 2) (FIG. VII).



\* FIGURA VII \*

De resto, todas estas considerações permitem alternativas e escolhas da vida cotidiana . Contudo, a vida cotidiana é propícia à alienação se posta em confronto teórico com as questões da necessidade política de transformação social.

Há, no entanto, a possibilidade e a faculdade de conhecer e reconhecer nessas louvações ao pitoresco que "a vida cotidiana não está fora da história (nunca esteve), mas no centro do

acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social" (Heller; 1985, 20).

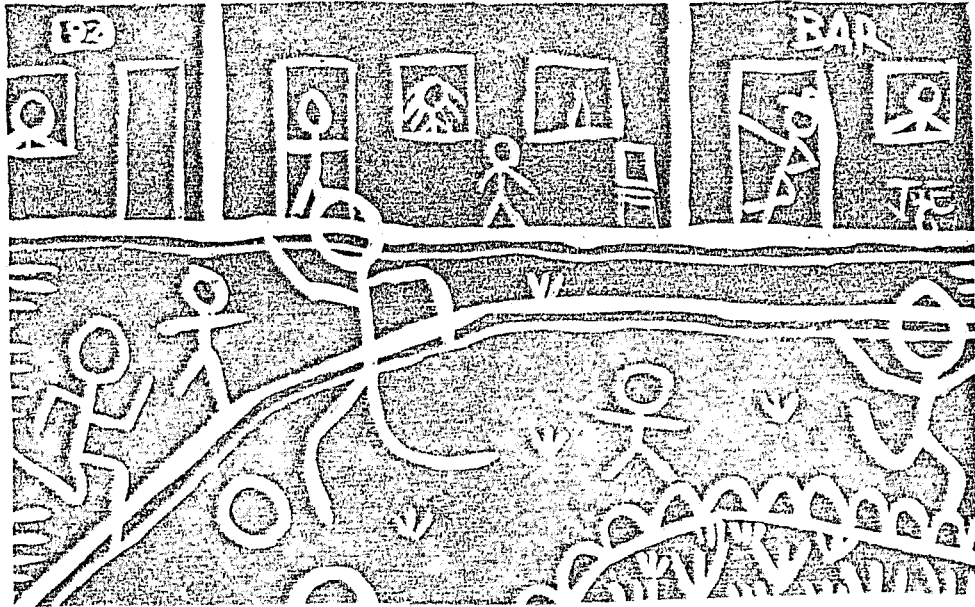
O reconhecimento destes acontecimentos particulares assumem efeito positivo quando são retratados em formas geométricas-espaciais, em imagens.

É desta forma que a "Saga do Roedor" identifica a iniciação na confraria e ao mesmo tempo a representação, descrita com bastante propriedade, da dinâmica do bar (Jornal O Pão ano I, 1992 nº 1). Representativa, ainda, torna-se a "Croniquinha uma Tanto Nostálgica", de Elmar (FIG. VIII e IX), ao descrever um importante espaço público:

" Situada a poucas quadras do centro, a ruazinha abre-se para uma praça movimentada e alegre. (...) A igreja ... cercada de grades de ferro trabalhado, ela tem ao centro e na frente uma grande porta de madeira. (...) Pegado à igreja, e tomando toda a quadra norte está o Colégio da Imaculada Conceição. (...) enfileirados na calçada, à direita, inúmeros ficus-benjamim emparelham-se com a rua Joaquim Távora (...)." (Jornal O Pão ano I, 1992 nº 2).

A continuação de sua descrição e suas noções de espaço e tempo apresenta o comportamento perante uma estrutura descarnada, mas um fato objetivo da realidade concreta. A 'geografização', em crônica despretenciosa, identifica o sentir e o imaginar como reação perante a cidade, uma reação estética do coração. (Hillman; 1993).

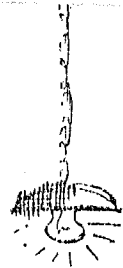
# CRONIQUNHA UM TANTO NOSTÁLGICA



\* FIGURA VIII \*

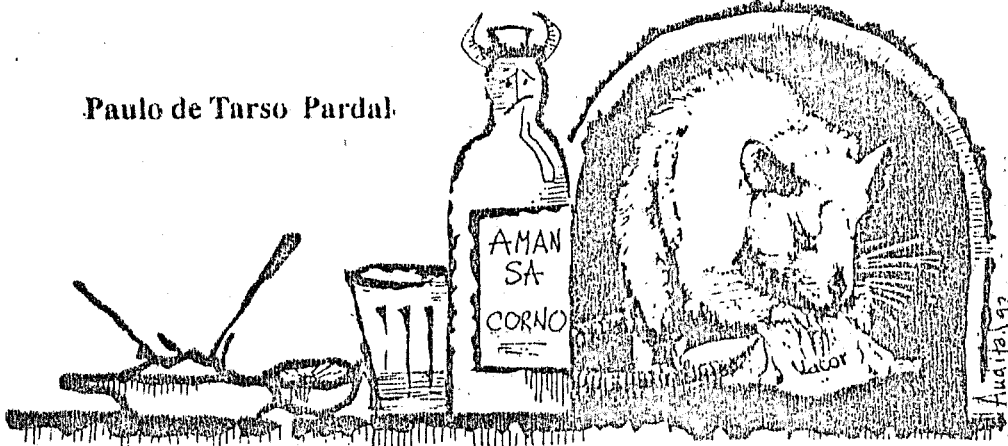
In: Jornal O Pão, ano I, 1992, nº 1

## RAIMUNDO JUVÊNCIO (A saga do roedor)



PADARIA ESPIRITUAL

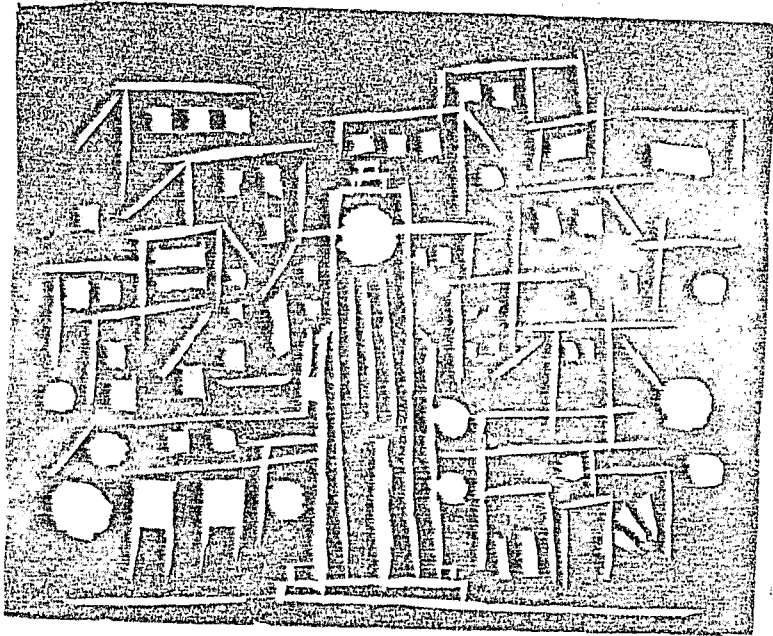
Paulo de Tarso Pardal



\* FIGURA IX \*

In: Jornal O Pão, ano I, 1992, nº 2

O canto poético é fundamental para espelhar a dinâmica social. Assim já era nos anos 50, em relação aos bares: " Ah, os teus bares apinhados.../ os escusos e modestos botecos,/ com discussões de esporte e política,/ em torno das bancas amistosas/ com cerveja geladíssima (...) (Menezes, Bruno In: Cancioneiro da Cidade de Fortaleza; 1973, 119). (FIG. X).



\* FIGURA X \*

Zenon

Barreto, 1973.

In: Benevides, 1973

Em nossos tempos, o poeta fala do absurdo existencial, decifrando mapas mentais de uma suposta geografia dos bares: " A noite se derrama/ nas paredes nas mesas deste bar. (...) Noites. Bares./ Mas o adubo?/ na invernada do peito/ (...) - Resistir " (Viana, C. A. In: Primavera Empalhada, 1982, p. 61 e 80). E, no louvor ao psicanalista, cronista raro do futebol, das noites, festas e do cotidiano da cidade, doublê de poeta e boêmio: " De longe vem o poeta./ Certamente, em sua vigília, já percorreu/ as ruas todas de Fortaleza;/ (...) bebados e poetas/ podeis/ vos entregar à noite e aos bares./ (...) Assim/ o poeta Airton Monte/

despede-se para sempre deste mundo/ aparentemente/ belo/ belo/  
enquanto isso/ nos botequins tudo é memória." (Viana, op. cit p.  
100-102).

Tudo se confunde, entre espaços e idéias, nos atos de  
caminhar pela cidade; pesquisar o banal é intuir o real. Seja na  
imagem verbal, seja nos traços de nanquim ou bico de pena de  
Pardal, Descartes Gadelha, Chico Galba e Landim, Audifax, F.  
Barbosa ou nas linhas retas do "software" FLOW, editor gráfico  
utilizado em microcomputadores (anexos II, III, IV e V); na  
imagem da cidade não revelada que revela a mais pura noção  
geográfica e quanto a cidade é objeto do olhar, do sério e do  
riso.<sup>31</sup>

### 3.2. DOS CABARÉS, GRAFITEIROS E OUTROS

**Dinheiro na mão, calcinha no chão.**

**(De uma prostituta, em algum lugar)**

Algum elo de ligação pode-se fazer entre a distribuição  
espacial dos cabarés, "pontos" de prostituição e a geografia? O  
que tudo isto teria a ver com Geografia? Em princípio nada. Mas  
as pessoas falam sobre sexo, putas e Geografia. Então, qual seria  
a intermediação entre os dois? os quetos? os submundos? ermos?  
espaços? cabarés?

-----

31. Sobre o Olhar Cf. Gonçalves Filho, José Moura - Olhar e Memória In: O Olhar/ Adauto Novaes ... [et al.].  
- São Paulo: Companhia das Letras, 1988. E sobre o Riso Cf. Rir da Cidade: Zé do Povo e o Amigo da Onça In:  
Simpósio "Fortaleza Vário Olhares". Nudoc-UFC/ANPHUR, maio/91.

"As prostitutas pedem novamente acesso ao Passeio Público" é o título de matéria em jornal (Jornal O Povo 09/04/91). A noite cai e entram em cena as prostitutas, e isto sem qualquer conotação temporal espalham-se pelas ruas, bares, praças e bordeis marcando e demarcando espaços; Praça do Ferreira, Passeio Público, Praça da Estação, Av. Duque de Caxias, Rua Senador Alencar, 24 de Maio, Tristão Gonçalves e outros.

Ora, qual a capital brasileira que não tem sua concentração de putas? Mas como são os tratamentos dispensados a estas trabalhadoras que provam o sabor e os segredos do livre mercado?

O sexo é um produto de primeira necessidade nas vielas, becos e bares do centro. Espalham-se por todos os lados da cidade, com péssimas condições de trabalho, higiene e com perseguição policial e todas outras mazelas que a profissão traz consigo.

Os problemas modernos, no caso as doenças sexualmente transmissíveis e especificamente a "aids", faz como que a Associação das Prostitutas do Ceará (APROCE) venha desenvolvendo campanhas contra o preconceito entre as profissionais, e pretendendo utilizar os espaços públicos - aqui no caso, o Passeio Público - para programas de conscientização sobre as mais variadas formas de aquisição de doenças transmitidas pela prática sexual (Jornal O Povo 09/04/91 e 09/05/88).

Se a situação, a disposição e a imagem dessas atividades tornam-se objeto de análises espaciais, o mesmo não se pode dizer que tenham existido entre outras épocas, pois o tema era tratado de forma chistosa, preconceitosa e segregacionista.



Não vão muito longe os tempos em que as "pensões" povoavam o centro da cidade. É da década de 40 deste século que funcionavam as principais "pensões alegres" da cidade, em sua maioria no centro (fotos 19 e 20). Eram cerca de 20, possuíam música ao vivo por conjuntos e orquestras:

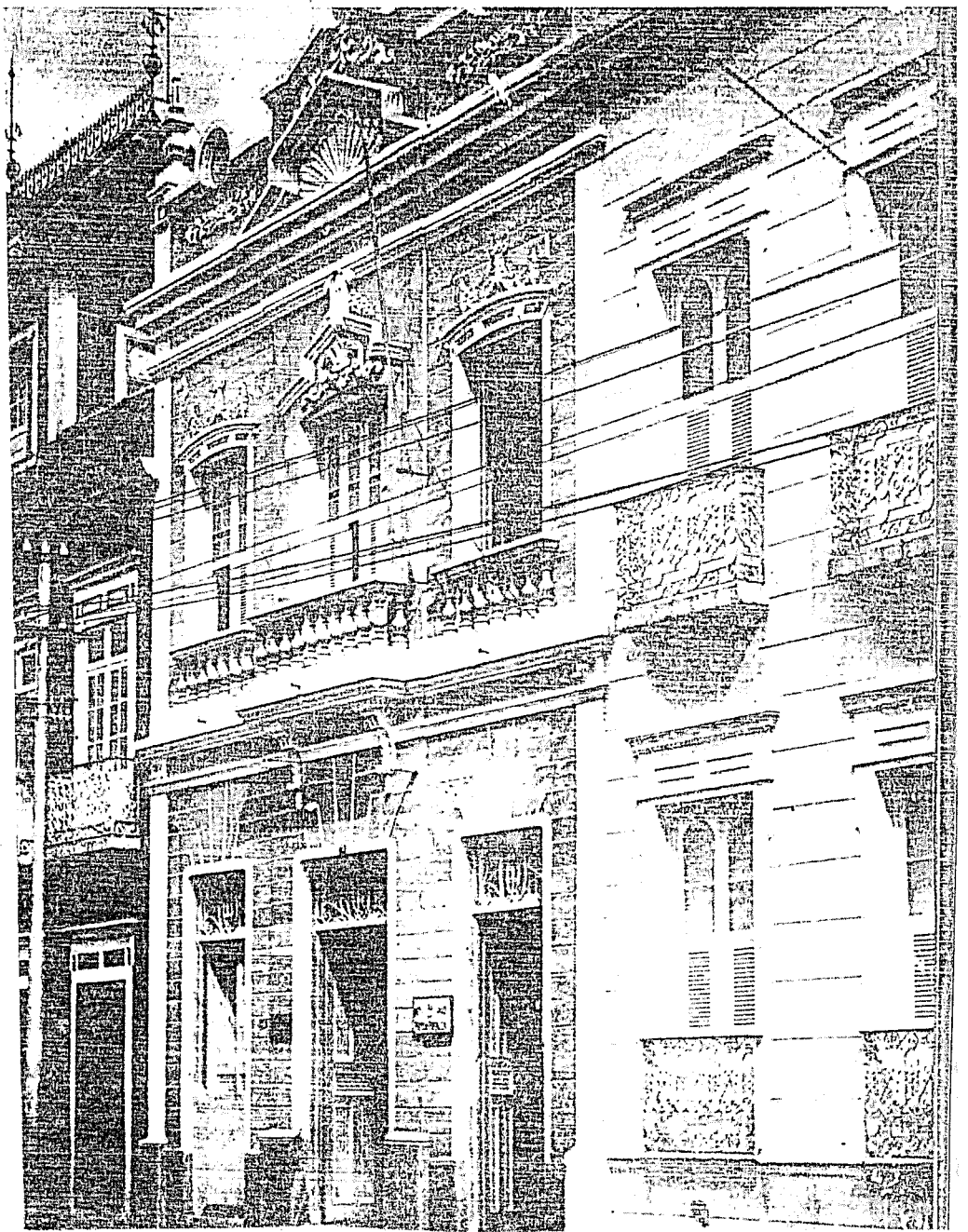
" (...) Todo o movimento noturno da cidade, concentrava-se em volta do território dos cabarés, zona maldita pelas moralistas famílias e amaldiçoadas pela igreja. O movimento era dos maiores, com o entra-e-sai que tinha início tão logo o comércio cerrava suas portas e o ruído das muitas orquestras tocando ao mesmo tempo, o vozerio, os risos de alegria contagiavam o local, transformando em festa, as noites do centro" (Lopes; 1988, 208).

A "maldição" das famílias e do Poder Público sobre a zona maldita parece ter chegado nesses anos 80-90. Este fato é revelado, contraditoriamente por um usuário dos tempos das "pensões e do "royal briar";<sup>32</sup> afirmando que a pensão da Amélia Campos "era ponto de encontro de altas autoridades, deputados, intelectuais, comerciantes, industriais, além de vultos mais destacados da Maçonaria de Fortaleza" para descrever a relação interna da pensão desta forma:

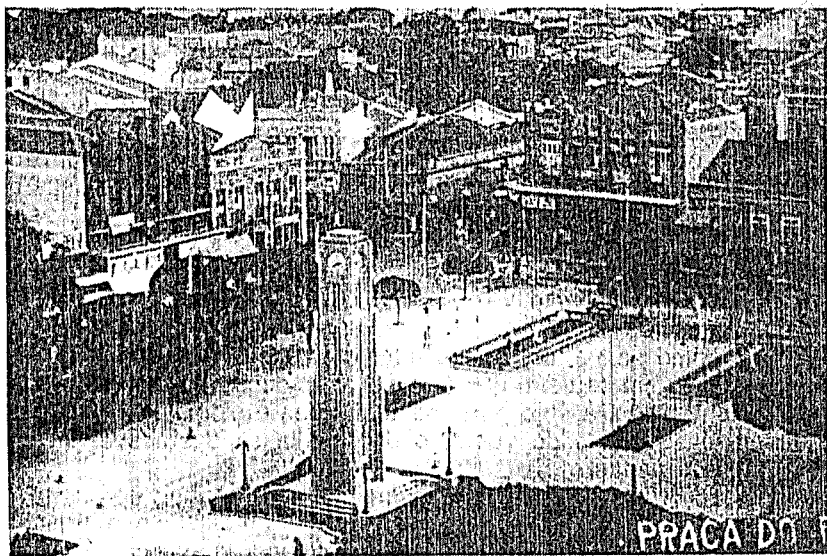
" As mulheres de seu prostíbulo, antes de lançar-se no meretrício, recebiam aulas de conversação, vestiam-se com

---

32. Royal briar é o título do livro de Marciano Lopes, que trata da década de 40 em Fortaleza, e uma linha de cosméticos populares da época, de onde o escritor faz questão de afirmar que era "considerada de mau gosto e adotada pelo 'canelau'" (Lopes; 1988, 240).



\* FOTO 19 \*  
Pensão Monte Carlo  
r. Br. Rio Branco  
Demolida



\* FOTO 20 \*  
Pensão Amélia Campos

A seta indica o sobrado onde funcionava o Prostíbulo da Amélia Campos, hoje encoberto por um tapume do Armazém Leblon.  
(Arquivo Nirez)

elegância a ponto de comparecerem às manhãs de domingo na rotisserie....." (Job; 1992, 45).

Arrematando, hoje, na exaltação ao Prefeito Juraci Magalhães, prefeito responsável pela execução de uma série de reformas na cidade, inclusive no centro, é maledicente com a perda de "seu" espaço diz:

" A verdade, todavia, é que a reforma José Valter marcou o início da decadência ... da antiga Praça do Ferreira. (...) Converteu-se .... num centro de desocupados, invadida à noite por vagabundos, mendigos, prostitutas, gays (o grifo é do autor). Andar pela praça que, era uma diversão, um prazer, converteu-se num perigo, numa temeridade (Job; op. cit.).

É notória a noção autoritária do espaço público. Aquele utilizado pelas "altas autoridades" era diversão e prazer, este, fruto das contradições sociais, é temerário.

Estas contradições da fala remete a Roberto DaMatta, quando desmascara os profundos preconceitos sociais presentes na sociedade:

"... Até hoje a sociedade parece fiel a sua visão interna do espaço da rua como algo movimentado, propício à desgraças e roubos (...) nada pior para cada um de nós que ser tratado como 'gente comum', como 'zé povinho sem eira nem beira'. Nada mais dramático para alguém de 'boa família' do que ser tomado como 'moleque de rua'; ou para uma moça ser vista como uma 'mulher da vida' ou alguém que pertence ao mundo do movimento e mais pleno anonimato" (DaMatta; 1987, 63).

Assim explicado, este parece ser o norteamento do pensamento

do autor, ao entender o que era elegância na prostituição virou panorama triste nas modificações causadas pelo acirramento das contradições sociais e econômicas. Ora, o conteúdo da prostituição não muda, não é privilégio de nenhuma classe social.

É atentador notar o fato de a prostituição, nas áreas da orla marítima nos últimos dez anos, ser objeto de comentários variados mas de nenhuma ação efetiva de combate, seja com repressão policial ou reformismos estéticos. Pois, a prostituição nestas áreas é importante fonte de recursos econômicos para os bares e hotéis de luxo localizados na orla.

Um agenciador de "massagistas" revela que os "homens que procuram a agência são empresários, executivos e estrangeiros, e preferem as mulheres que tenham formação universitária (Jornal O Povo 27/05/91).

Entrelaçando as informações, um guia turístico confirma que os hotéis, as gerências e mesmo guias têm indicações precisas sobre as agências e locais que fazem a intermediação, a boate Africas é uma delas, localizada logo ali na rua Osvaldo Cruz, vizinho a um dos mais importantes hotéis de Fortaleza: Othon Palace.<sup>33</sup>

De outra forma, o arquiteto Fausto Nilo vem ocupando espaço nos jornais da cidade para defender uma revitalização do centro, afirmando que o centro vive uma realidade próximo à barbárie, onde a marginalidade afugenta o convívio natural das pessoas no centro histórico (Jornal O Povo 18/05/91). Prossegue na idéia de retorno das habitações e numa política de incentivos aos

33. Conversa informal com guia turístico e Jornal O Povo 28/12/92.

investimentos imobiliários para a área (Jornal O Povo 16/09/90).

Nesta linha de raciocínio, o cantor e compositor Fausto Nilo, que tem formação em arquitetura, "deplora a decadência do centro de Fortaleza" .

Ora, não poderíamos nos furtar de argumentar a tendenciosidade do embuste, pois, residindo quatorze anos fora da cidade de Fortaleza, o cantor e compositor é um dos principais idealizadores de projetos para as praças e locais públicos da cidade neste processo de revitalização iniciado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF). Sintomaticamente, ao ser indagado sobre qual a paisagem mais bela da cidade, tem-se a pronta resposta: "Fortaleza vista da praça do Mirante, no Conjunto Santa Terezinha, de preferência às 17 horas em dias ensolarados." (Jornal O Povo 16/09/90), estrutura idealizada por sua firma de arquitetura e executada pela PMF.

O comentário não é de má-fé, mas apenas tenta colocar as relações sujeito-objeto na construção e uso do espaço urbano. Um outro detalhe, não sem importância, é que o próprio Poder Público detém em seus quadros funcionais cerca de vinte e cinco (25) engenheiros e arquitetos que poderiam executar uma série de projetos na área de renovação urbana.

Estas idéias reforçam a teoria de que alguns arquitetos se consideram amos e senhores dos espaços que concebem e realizam; "se consideran o se hacen considerar como los demiurgos capaces de poner por obra, en el seno de la sociedad, su concepción y su definición del espacio (Lefebvre; 1976, 28).

O necessário, talvez, seja repensar e refazer o olhar sobre a prostituição e tudo aquilo que pode-se chamar de decadência,

pois a problemática social é muito mais ampla, quando adentra-se os bares, ruas e bordéis.

Esta realidade é um mundo que a sociedade finge desconhecer e a moralidade normativa não permite revelar. Se a referência do movimento das ruas durante o dia é marcado pela coerência do comércio da sociedade capitalista, à noite é inquietação sorumbática e continuação da hierarquia social.

É dos cabarés, disfarçados de bares e botecos diurnos que descem as prostitutas e passam a dominar os espaços públicos; pontos de travestis se concretizam nas esquinas, da galeria que abriga tipografias, portas se abrem para a noite juvenil, nas praças, no convívio com o "sereno", mendigos e crianças disputam com as prostitutas os cimentos dos bancos.

Tais regiões são concebidas como espaços de reprodução, são zonas relacionadas ao paradoxo, ao conflito, e estão envolvidos por códigos não dominados pela sociedade de classes.

Assim parece ser a preocupação do artista plástico Descartes Gadelha traduzindo em imagens vivas de cerca de 100 telas de desenhos, pinturas e gravuras o lugar conhecido como Curral, existente na década de 60 próximo ao Passeio Público.

A imagem do Curral (anexo V (a)) é retratada, além das telas, por palavras:

" O Curral tem um cunho social de importância. Havia ali todo um convívio social e socializante (...) era uma faixa de terra entre o mar e o espaço. Uma festa 24 horas ininterruptas encravada no centro da cidade. (...) Elas procuram ser louras, oxigenadas porque existe preconceito

racial, de cor. A oxigenação é uma fato marcante. Todas as mulheres são louras para se sentirem mais valorizadas " (Jornal O Povo 25/02/91).

Nas palavras do artista, um retrato do universo da prostituta, assim como nas telas. A sensibilidade aguçada do artista empolga o jornalista, conhecedor dos mais variados becos da cidade:

" (...) A imagética de Descartes revela, desnuda não somente peitos, nádegas e coxas, mas o curral com toda a sua poesia fétida cruel, desumana, repleta de humanidade. Do bar São Jorge .... onde havia as grandes alegrias e os grandes crimes, até os íntimos recantos das ruas pelos quais trafegam prostitutas como se fossem marionetes suspensas por cordões invisíveis aos olhos da sociedade, porém absolutamente visíveis na sua angústia" (Praciano, Ivonilo In: Jornal O Povo, 25/02/91).

A imagem converge para destruir a falsa noção das prostitutas como coitadas, quando, na verdade, estão produzindo novos prazeres (Revista Domingo Nº 797 - Encarte JB, 11/08/91 pp. 24-26).

Se as pensões ocupavam a cena no centro da cidade, eram o centro do acontecer social e político, o mesmo não ocorre hoje. Ocupam, os cabarés, espaços encravados, disfarces para manter a sobrevivência, induzindo as prostitutas e usuários a recorrerem a situações singulares de acordos com proprietários de bares e botecos.

Nesta cena, aparecem as boates, bares e cabarés nas

periferias do centro e nas galerias; a boate Barba Azul abriga estudantes secundaristas, o bar/restaurante Senadorzão (fotos 21 e 22) recebe, em seus três ambientes os mais variados frequentadores; o Cantinho da Saudade, na avenida Tristão Gonçalves, é passagem certa para os trauseuntes no deslocamento para a Praça da Estação, o bar O Guerra, é local certo para um caldo e uma última cerveja da noite, pois nunca fecha (fotos 23 e 24).



\* FOTO 21 \*  
Escadaria do Senadorzão



Em todos eles fatos curiosos chamam a atenção; não há mais a presença de conjuntos musicais ou orquestras, há a ascensão da "radiolas de fichas", instrumento que significa, em primeiro lugar, a modificação do tipo de frequentador e das dificuldades financeiras de contratação de músicos, segundo a fragmentação da



\* FOTO 22 \*

Senadorzão, à  
rua Senador Alencar.

modernidade num único instrumento que pode ser cobrado várias vezes e ouvir músicas variadas, atingindo um número perto de 300 opções musicais.

Isto manifesta a saída dos cabarés de áreas ocupadas pelo comércio mais especializado, e afirma a sua presença em áreas periféricas do centro, nas cercanias dos terminais de



\* FOTO 23 \*

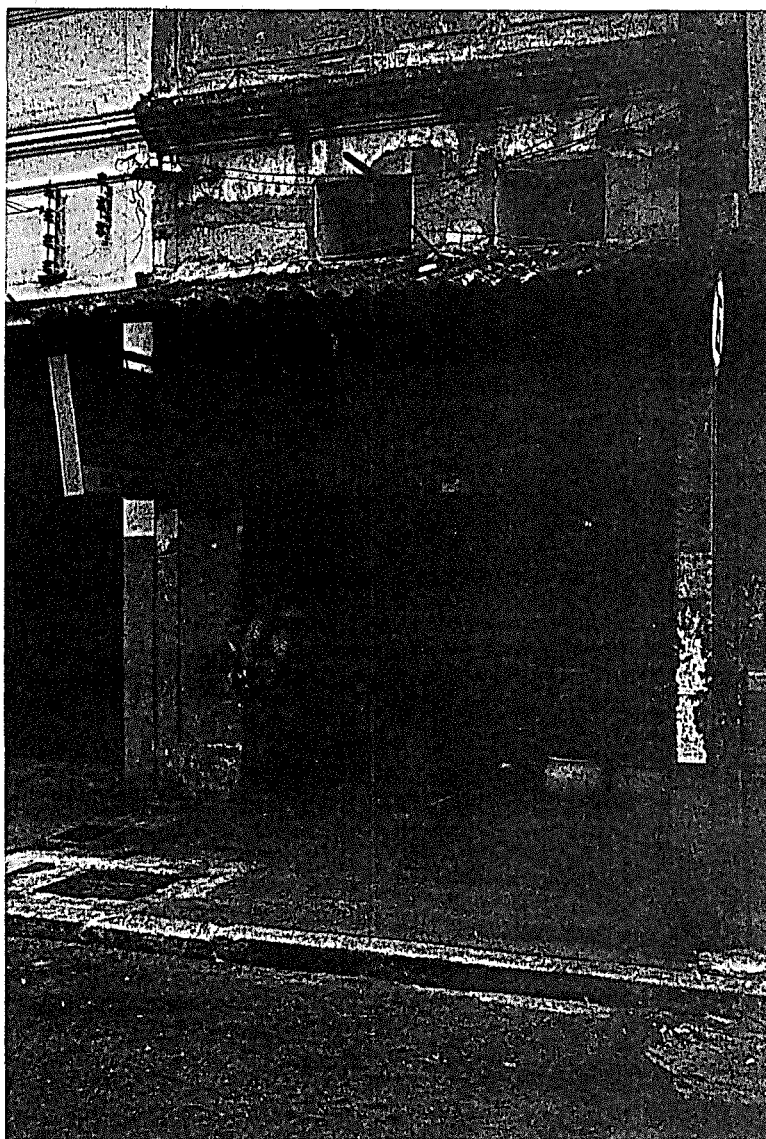
Bar/Cabaré,

situado à Av.

Tristão Gonçalves

ônibus que fazem a ligação com as áreas sul e sudoeste da cidade, qualificadas comumente como áreas de habitações populares.

Todos os ambientes são discretos; os bares, cabarés e motéis estão sempre dispostos por dissimulações inferindo dificuldades na identificação à primeira vista. Só as relações mais próximas dominam os espaços deles, e os utilizam com bastante propriedade.



\* FOTO 24 \*

Bar/Cabaré O Guerra

A rua Sen. Pompeu

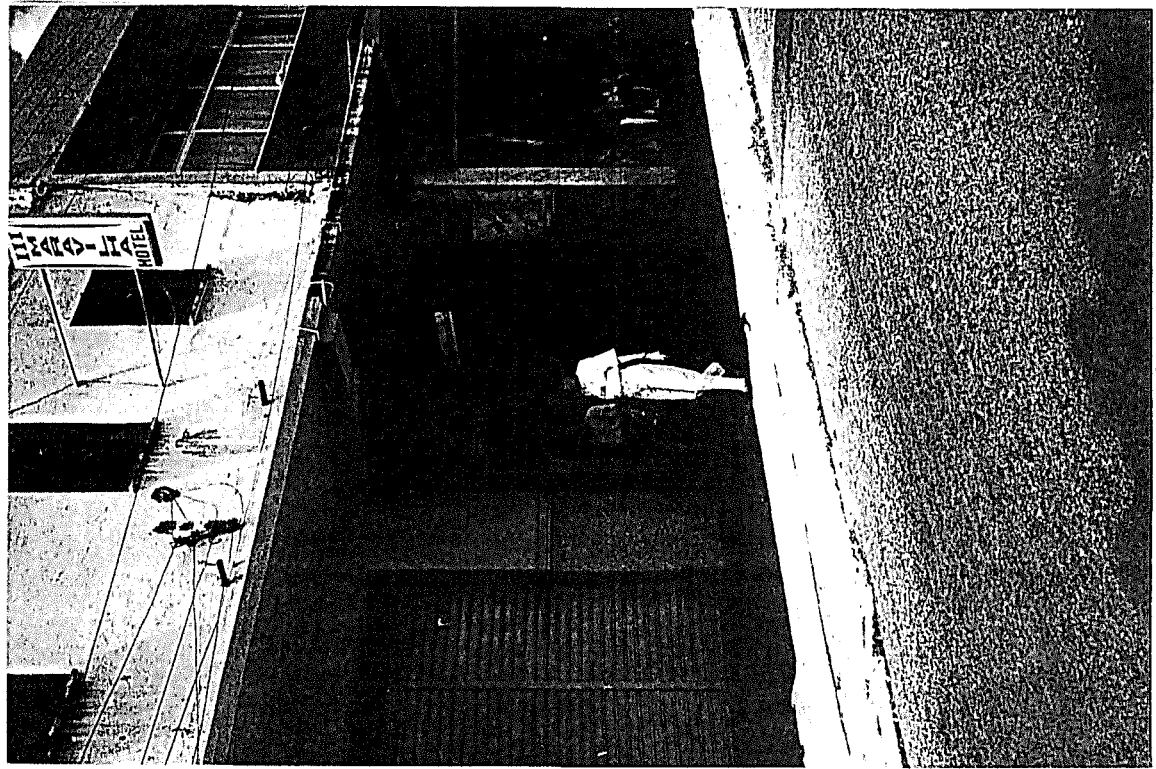
Isto pode ser visto nas entradas dos motéis, muitas vezes estão localizados no primeiro andar de uma edifício, com apenas a escada descendo até a calçada e anunciado com discretas placas de indicação (Fotos 25, 26, 27 e 28).

Uma rápida visita ao bar/restaurante pode ser assim resumida:

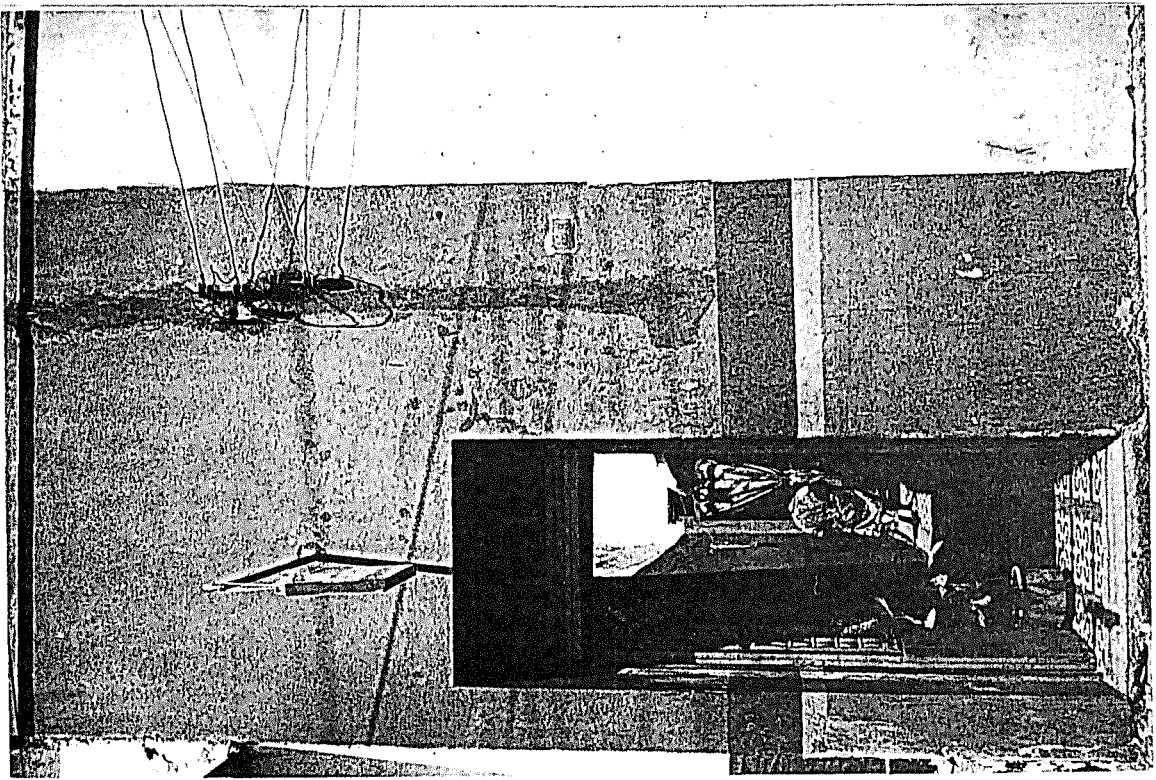
" É agradável. São poucas mesas, a cerveja não é gelada. Vieram logo pedindo um refrigerante e cigarros. Estavam animadas com um jovem fotógrafo, escolhendo as posições que não delatassem as suas atividades e que ali era um bordel. Na mesa ao lado conversavam assuntos variados, que iam da novela à fracá noite anterior, veio possível para induzir os fregueses presentes. Chegaram à mesa e sentaram, em número de três; uma da cidade do Crato, outra da Santana do Acaraú e a última de Fortaleza. Moram todas no Pan-americano, num conjunto feito para elas pelo proprietário da casa. Recebem cerca de 30 dólares por noite, dependendo no número de homens que conseguem. Falam sem nenhum constrangimento: 'se tivesse um trabalho com bom salário, claro que largava esta vida ... seria melhor que não existisse prostituição, mas a situação não permite'. A outra relata a vida lá fora, no Passeio Público, quando por lá trabalhava: 'é engraçado. Nós, que batalhamos de sol a sol, somos chamadas de vagabundas por muitas madames que passam por aqui' " (Jornal O Povo, 09/04/91).

O bar/restaurante Senadorzão perdeu sua imponência de anos atrás; dos três pavimentos só dois funcionam. O térreo, onde





\* FOTO 27 \*  
Hotel Maravilha  
Rua Senador Pompeu



\* FOTO 28 \*  
Hotel Bom Bom  
Rua Castro e Silva

funcionava o restaurante, está fechado há alguns anos, ficando apenas o pequeno bar e os quartos no primeiro andar; e o salão de danças no terceiro, aberto somente às sextas e sábados.

Este símbolo de prostituição e festa poderia ser relacionada aos **Three-Deckers** da Nova Inglaterra, numa alusão a toda e qualquer estrutura de três pavimentos, que possuindo uma só entrada torna-se "uma armadilha em caso de incêndio". Mesmo com as devidas proporções, este bar em muito se assemelha às descrições de Munford sobre as "Casas de Má Fama", bordeis na Nova Inglaterra (Munford; op. cit.).

Neste aspecto de comparações, analogias e semelhanças, é importante frizar que quando um objeto se aparenta a outro, significa que traços de um se mostram no segundo, sem que nenhum deles deixem de ser o que são. Estas manifestações não estão submetidas a critério algum e a possibilidade de semelhança se mostra ilimitada.<sup>34</sup>

Nestes espaços de ilusões, onde a vida, sob o espírito da sexualidade, espraia o limiar do espaço da paisagem, da mudança e do lugar, manifestando o aspecto revolucionário de viver e se reproduzir no centro da cidade. Há uma certa banalidade do espaço na suspeição do aspecto, produzindo vários tipos de planejamento. Mas, o mais importante é aquele que pretende dotar o centro de revitalização imobiliária à partir do investimentos de infraestrutura, retirando as formas constrangedoras das novas perspectivas; "vadiagem", "prostituição", etc.

---

34. Benjamin, Walter - A Doutrina das Semelhanças In: Obras Escolhidas v. 1 pp. 108-113 e Obras Escolhidas v. 3 p. 187.

Ora, esta visão parte de um princípio de que a miséria varrida para outros locais dá a necessária limpeza do espaço, escondendo as contradições sociais.

No ritmo soturno, arbitrariamente chamado de desocupação, as distâncias e os tempos brotam na paisagem e no momento, transformando parte do centro "numa morada cujos aposentos são os quarteirões."

Numa magnífica visão analógica, entre o bordel e a prostituta, as formas e estruturas da cidade como imagem clara nos revela o poeta: "As coxas da prostituta/ são como as portas/ de uma igreja/ não fecham nunca/ todos os fiéis/ tem acesso ao templo/ basta deixar/ uma esmola qualquer/ no quarto fétido/ e ejacular depressa/ a oração" (Vanderlou In: Porão. Literatura Visual Ano I Nº 1, Fortaleza, 1980).

Nesta dialética de suspeição e insondabilidade, o único e indivisível espaço aparece como morada do coletivo, pois:

" O coletivo é um ser eternamente inquieto, (...) entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes. Para este ser coletivo, as tabuletas das firmas, brilhantes e esmaltadas constituem decoração mural tão boa ou melhor que o quadro a óleo no salão burguês" (Benjamin; op. cit. p. 194).

Os cabarés do centro têm ritmo constante e variado, muda de dia e de noite, de manhã para a tarde e é composto de experiências individuais que se encarregam de promover os seus próprios mecanismos de controle; o refúgio num bar próximo, a segurança de algum vigia de banco, a portaria da Santa Casa, as



cabines dos motoristas de ônibus, os pontos de taxis, num acordo tácito que envolve vantagens financeiras para ambos. Tudo isto sedimenta a mobilidade social, vulto inconcebível para a sociedade capitalista na busca de não aparentar ou evidenciar as suas contradições.

Paralelo aos cabarés, surgem nas noites, fixando linguagens urbanas através de hieróglifos que expressam o mundo caótico, os grafiteiros comprometendo o "equilíbrio" da sociedade.

Ora, quando "os espigões roubam e sujam a paisagem urbana (...) eis um grafite contra a cidade. (...) muros altos para esconder o que? ou se escondem de quem? sepulcros caiados de hipócritas e fariseus? Grafite neles" (Gurjão, Pedro In: Jornal O Povo, 19/11/90). Os muros cobrem a cidade nos momentos da crítica e da arte da manifestação estética de uma juventude confusa de valores.

O diálogo com a cidade é feito de demarcações sociais; na permissão para pichações político-partidárias a consciência dos jovens artistas está presente: "a sociedade que nos critica é a mesma que ontem nos criou", diz numa entrevista uma garota "spryteira". A visão institucionalizante é complacente com as ações supostamente corretas, pois entende que os palcos de manifestação são delimitados para uma bom convívio social. São reveladoras as afirmações dos sprayteiros: nós não começamos as pichações. Antes de nós os políticos já sujavam a cidade, e só escreviam mentiras. Nós pelo menos dizemos verdades" (Jornal do Bairro - Fátima - Ano I, 1991 Nº 2 e Jornal O Povo, 17/07/90).<sup>35</sup>

Não resta dúvida que os murais surrealistas não são mensagens vazias, mas forma-representação do espaço social. A revista desses narcisistas, no labirinto urbano, transforma a imagem do lugar público, reinvidicam lugar no espaço.

---

35. As portas das lojas, marquizes, cúpulas de igrejas, paredes do centro da cidade são alvos constantes de pichações, expressando uma linguagem a ser decifrada - uma linguagem urbana surgida nos metrô da cidade de Nova York.

## IV - EM BUSCA DE CONCLUSÕES

### 4.1. UMA SEMIÓTICA URBANA??

O propósito de fazer uma reflexão sobre a conduta da sociedade humana, inicia-se com a escola comportamental baseada no esquema estímulo-resposta. Seria, portanto, imprudência falar da imagem da cidade, ou mesmo de uma semiótica urbana, sem resgatar algumas considerações (ou seriam confusões?) teórico-espaciais.

A noção de estímulo-resposta considera que os sujeitos humanos são seres pensantes mediatizados por processos cognitivos. Esta tendência de estudos tem antecedentes que variam de Humbolt à Geografia Cultural de C. Sauer, no empreendimento de estabelecer conceitos de consciência regional, de mundo privado e individual que se encontram nas (com) noções sócio-culturais de determinadas sociedades.

Vale ainda dizer que estes pilares, do que se pode chamar de Geografia do Comportamento, apóiam-se sobre as concepções de imagens, ou da realidade percebida e dão predomínio ao homem da razão.

Mas é importante ressaltar que algumas teorias do comportamneto elaboram um "modelo" de homem de racionalidade limitada, configurando intermediação com o volume de informações que os indivíduos possuem em relação à realidade objetiva e à

capacidade de assimilação.

Esta colocação acima se deve ao fato de que o usuário da cidade age em função do modo de perceber o seu entorno, mas nunca consegue perceber a realidade objetiva, visto que entre a realidade e a mente interpõe-se uma imagem mental.

Tal processo se apoia em duas premissas básicas: aquela que admite a existência de imagens mentais do (no) espaço e sua possibilidade de medição; segundo, na idéia de forte relação entre a imagem mental do espaço e o comportamento na realidade objetiva.

Desta forma entra-se no mundo psicológico, que incluirá, necessariamente, as definições de cognição e percepção, que não são objetos de interesse deste. Pois, o que se pretendeu foi apenas identificar as imagens individuais e resgatar um pouco a noção de lugar, retratando a cidade como resultado de atitudes emotivas e locus de existência e o modo como esta configuração ou forma se revelam.

Assim, deve-se esclarecer que no corpo do trabalho estão várias perspectivas psicológicas que são brechas do mundo real. Porém, as diferenças existentes entre elas se estabelecem quando umas são majoritariamente aceitas, seja pelo que representam, seja por fatores indutores e outras formas que são, sem dúvida, contra-partida ante àquelas e não divulgadas, e incluem-se naquilo que se habituou chamar de não revelada; o processo de sentir e pensar a cidade de modo próprio.

Aqui não se esboça apenas a idéia de uma imagem dominante e outra dominada, mas duas imagens não necessariamente opostas e que podem trazer consigo algumas determinações neste sentido. Nas

palavras de um especialista temos que:

" Assimismo, cabe pensar também que un grupo dominante pode alimentar, fomentar y difundir flujos de información tendentes a la creación de imágenes que favorezcan sus intereses o consoliden el statu quo." (Estebanez; s/d, 103)

Dois trabalhos merecem menção pelos procedimentos adotados em sua execução. Estebanez (s/d), em trabalho singelo, utiliza-se das análises fatoriais na consecução dos mapas mentais da cidade de Barcelona, na Espanha. O procedimento adotado é dado no sentido de agrupar as respostas aos questionários em matriz quadrada, donde os fatores de desenvolvimento econômico, qualidade de vida, clima, etc. são correlacionadas pela álgebra de matrizes.<sup>36</sup>

Lynch (1982), por sua vez, parece ser mais original e objetivo - e diga-se de passagem vinte anos antes - quando a entrevista básica aos usuários da cidade consistia no desenho de um esboço da cidade, " incluindo uma descrição detalhada de um número de percursos através da cidade" e das partes mais vivas e presentes na memória dos entrevistados (Lynch; 1982, 153-172).

Deixando de lado as diferenças metodológicas, é essencial discorrer um pouco sobre a obra pioneira e fundamental que trata a imagem da cidade, e parte daquele princípio de que pode haver uma imagem da cidade elaborada por qualquer cidadão e uma sobreposição de imagens de muitos indivíduos: A Imagem da Cidade.

Lynch (1982) restringe-se aos efeitos dos elementos físicos

---

36. Cf. Estebanez, s/d.

perceptíveis, quais sejam : as vias , os limites, os bairros, os cruzamentos e os elementos marcantes.

Nestas perspectivas, as vias são pontos onde os observadores se movem, usual, ocasional ou potencialmente. São ruas, calçadas, linhas de trens, avenidas onde, no ir e vir, observam a cidade e tornam-se elementos predominantes na formação das imagens dos observadores.

Os limites são fronteiras, elementos lineares entre duas partes da cidade que na maioria das vezes não são considerados pelos habitantes, são praias, rios, paredes, muros e barreiras de interrupções lineares que precisam ser transpostos, e por isso mesmo secundárias para a formação de uma imagem, mas que denotam características importantes na organização do espaço funcional. Trata-se, na verdade, de uma união ou ponto de encontro de áreas diversas.<sup>37</sup>

Os bairros, regiões urbanas pequenas, médias ou grandes, são concebidos como extensões bidimensionais onde o observador ou usuário entra, anotando mentalmente e reconhecendo como algo comum e identificável, pois é sempre uma região, mesmo desconhecida, que muito se identifica com a "sua" região ou o "seu bairro" . Esta identificação se dá tanto exteriormente como interiormente, e sobretudo com ruas e avenidas que circundam ou

37. Um pequeno comentário sobre as "fronteiras" que constituem este elemento da cidade, do qual fala Lynch, é fundamental: a pesquisa de Lynch se dá em três cidades americanas (Boston, Jersey City e Los Angeles) e é possível que as praias e rios sejam secundários na formação da imagem nas cidades analisadas. O caso brasileiro não parece tomar este rumo ou direção; mesmo sem analisar a imagem da cidade, Madruga (Cf. Litoralização: da Fantasia de Liberdade à Modernidade Autofágica. São Paulo, 1992. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo), avalia a importância das praias e do litoral na formação de uma certa perspectiva territorial, fato que coloca dúvida sobre a utilização das praias e mesmo rios como elementos secundários na formação da imagem da cidade brasileira.

cruzam os bairros.

Os cruzamentos são locais, pontos estratégicos da cidade onde neles os usuários podem entrar, e constituem-se como focos orientadores do deslocamento. Podem ser, ainda, simples concentração de hábitos, como uma esquina ou largo. Lynch avança, também, a possibilidade destes "nós" tornarem-se resumo ou síntese de um bairro, ou quem sabe "centros" de bairros. Os cruzamentos estão intrinsecamente relacionados às ruas, e podem ser estacionamentos e pontos de ônibus. Ou seja, são fatos de percurso e bastante vinculados ao bairro pelo seu caráter aglutinador e polarizador.

Os pontos marcantes, em geral, são externos, representados por elementos singulares na paisagem urbana que servem de guia e referencial para o conhecimento do espaço: um edifício, um semáforo, loja, as fachadas e uma infinidade de outros elementos que completam a imagem do percurso e desempenham a função de símbolos de direção, adquirindo significação à medida do deslocamento, tornando-se elemento de certa familiaridade que tem estabilidade para o observador.<sup>38</sup>

De forma sucinta estes são os elementos da imagem da cidade conceituados por Lynch. Porém, é imperativo dizer que o mesmo é incisivo na afirmação de que nenhum elemento existe isoladamente na realidade; são sobrepostos e interligados constantemente: "os bairros contém cruzamentos na sua estrutura, são demarcados por

---

38. É comum utilizar exercícios de descrição de paisagens das cidades. Nelas são raras as vezes que um edifício, um grande magazine ou mesmo uma igreja não se tornam elementos principais pelo qual circula toda a descrição. Esta técnica de observação é realizada sempre como exercício para os alunos da Prática de Ensino de Geografia, curso ministrado por nós na Universidade Federal da Paraíba/UFPB.

limites, cruzados por vias e salpicados por elementos marcantes" (Cf. Lynch; op. cit. p. 60).

Evidentemente que, mesmo reconhecendo a originalidade e interesse na adoção de novas perspectivas para os estudos urbanos, algumas limitações e críticas podem e são colocadas.

A primeira diz respeito ao caráter teórico-metodológico ser ser exclusivamente visual da imagem da cidade e do espaço urbano e pela falta de explicação dos mecanismos de percepção dos fatores que influenciam a construção das imagens. Reporta-se, neste aspecto, à ausência de reação estética de Lynch, visto a inexistência de vínculos entre a percepção e a experiência.

Outro comentário não menos importante, mas provavelmente um tanto equivocado, é o que diz que não existem provas que a cidade seja apreendida essencialmente sob os aspectos das relações espaciais, sobretudo quando da afirmação que as relações entre o meio e o sujeito são criadoras de relações espaciais.<sup>39</sup>

Ora, o equívoco da crítica de Capel (1973) está no fato de entender que Lynch estabelece uma relação espacial, quando apenas propõe uma "leitura" da cidade via os mecanismos metodológicos que seguem o sentido de identificar as qualidades das formas urbanas que podem ser símbolos representativos, ao nível da significação. Por sua vez, a estruturação espacial não é, em momento algum, dada pela percepção, mas sim por conjuntos econômico-sociais.<sup>40</sup>

---

39. Os dois conjuntos de críticas e comentários são extraídos do excelente trabalho de Horácio Capel: La percepción del medio y comportamiento geográfico In: Revista Geográfica. Barcelona, enero-diciembre, 1973 pp. 157-209.

40. Lynch; op. cit. pp.103-106



Assim mesmo, as críticas só tendem ampliar esta profícua perspectiva de estudos, pois oferecem a possibilidade de passar das representações visuais para as representações da cidade como unidade simbólica:

" Muy distinta, en efecto, parece la imagen de la ciudad que poseen otros grupos sociales como, por ejemplo, los grupos marginados, los turistas o visitantes ocasionales, o los inmigrados recién llegados a ella. (...) Para unos, la ciudad es evocada inmediatamente como algo positivo, el lugar de la civilización, de las múltiples posibilidades personales, de los intercambios de todo tipo, del espectáculo; para otros, en cambio, la ciudad despierta un sentimiento mas bien negativo: el aislamiento y el anonimato, el vicio, la imoralidad, el humo, el ruido, la contaminación de toda clase" (Capel; 1973, 106-6).

Noutro comentário bastante elucidador destas novas (não tão novas) análises urbanas, mas ligados às reflexões de cunho teórico-metodológico temos que:

" En realidad, este enfoque geográfico es mas que un paradigma alternativo al cuantitativismo, un intento de salvar el positivismo incluyendo aspectos subjetivos y mecanismos mentales procedentes de la psicología. Es un enfoque complementario de otros enfoques, más que un paradigma excluyente" (Estebanez; s/d, 111).

Por fim, uma das mais importantes reflexões sobre o espaço urbano, que incluem várias interpretações, é desenvolvido por

Lefebvre (1976), ao vivenciar e teorizar sobre o espaço de maneira ímpar, e que serve também como crítica às perspectivas até aqui colocadas.

Em sua análise, o referido autor, sugere quatro teses ou hipóteses de conceber o espaço urbano; na primeira seria uma forma pura, transparente, excluindo a ideologia, a interpretação e despreendida de qualquer conteúdo sensível, material, vivido ou prático. Nas suas próprias palavras:

" ...es una esencia, una idea absoluta análoga a la cifra platónica. (...) Dado que la lógica construye espacios de atributos, dado que los sabios construyen espacios de configuraciones con un cierto número de variables y parámetros, el espacio se presenta tal como coherencia y modelo de coherencia. Articula lo social y lo mental, lo teórico y lo práctico, lo ideal y lo real" (Lefebvre; 1976, 28).

Aqui estaria em jogo, diz ele, a liquidação do tempo histórico, tendencialmente vinculado ao cientificismo abstrato, um saber absoluto.

Sua segunda tese propõe uma abordagem conceptual do espaço como produto da sociedade, espaço social portanto. Este deve ser comprovado mediante a descrição empírica para a sua constatação, antes de qualquer teorização:

" Dicho en otras palabras, el espacio es consecuencia del trabajo y de la división del trabajo; a este título, es punto de reunión de los objetos producidos, el conjunto de la cosas

que lo ocupan y de sus subconjuntos, efectuado, objetivado, por tanto 'funcional'." (idem, p. 30)

Em sua terceira tese, o espaço não seria nem ponto de chegada nem ponto de partida. Seria uma mediação, um instrumento político manipulado. Estaria, o espaço, sempre nas mãos de "alguém", a serviço de uma estratégia pensada e projetada pelo poder.

Desta forma, as cidades seriam unidades funcionais e instrumentos para a reprodução da força de trabalho via consumo. Dentre as articulações possíveis, entre as teses até aqui descritas, encontra-se que esta tese concorre com as teorias da falsa consciência, no sentido de que haveria uma consciência verdadeira, da classe operária, e em oposição a essa consciência totalmente verdadeira da totalidade haveria uma consciência falsa da burguesia.

Lefebvre remete, ainda, para Joseph Gabel que desenvolveu a idéia de que existe uma espacialização que caracteriza a falsa consciência; o espaço esquizofrênico, caso-limite da falsa representação. O espaço seria o lugar da reificação, à margem do tempo, da vida e da práxis (Lefebvre; 1976, p. 32).<sup>41</sup>

A armadilha teórica desta hipótese, diz Lefebvre, é considerar o espaço como mera representação das normas e valores de uma sociedade de classes, ou mesmo um fetichismo. Aqui há uma aparente crítica bastante fundamentada às idéias desenvolvidas no

---

41. Sobre as questões da consciência de classe e da reificação no pensamento de Lukács, Cf. História e Consciência de Classe. Estudos de Dialética Marxista. Publicações Escorpião, Porto, 1974. Especialmente às pp. 59-232.

corpo do trabalho.

Na verdade a crítica ao modo de representar a cidade como uma divisão entre a imagem da cidade (falsa consciência) e a cidade não revelada (consciência verdadeira) é procedente.

Cabe ressaltar que a divisão aponta nesta direção, mas uma não se opõe à outra, pois o que se questiona é o poder público e seus desdobramentos na elaboração de uma imagem da cidade, e que de alguma maneira não combina com a de seus usuários. Eventualmente podem estar colocadas em oposição e no sentido de classe. Isto acontece porque é praticamente impossível negar que a atuação das classes na divulgação de imagens públicas. Porém, não há o sentido de opor consciências.

A quarta e última tese de Lefebvre, aprofunda as noções sobre o espaço, complexizando-o. Parte do princípio que ele não é um produto como qualquer outro, um objeto ou mesmo uma coleção de objetos e coisas - um conjunto de mercadorias. O espaço consistir-se-ia como uma espécie de sistema dinâmico abstrato-concreto, homogêneo e desarticulado que é comum às artes, à cotidianidade, trabalho, ócio e inclusive da reprodução da força de trabalho:

" Se trata de un ejemplo típico del espacio a la vez dislocado y unificado. Son precisamente lugares donde se reproducen las relaciones de producción, lo que no excluye sino incluye la reproducción pura y simples de la fuerza de trabajo" (Lefebvre; 1976, 36).

#### 4.2. O LUGAR: NOVAS TEORIAS VELHAS?

Desta forma, as buscas dos fundamentos teóricos e procedimentos metodológicos abrem brechas, entre críticas e comentários que reconhecem o papel individual, e dos indivíduos, na concretização do fazer-comum, destacando os componentes da cidade e do espaço urbano.

Assim, as relações de orientação, segurança e identidade dos sujeitos com seu entorno assume caráter existencial, retomando a cidade como realidade e como lugar, componente do complexo de relação no espaço e como importante *locus* de existência (Silva; 1986 (a), 30).

Deste modo, recupera-se uma realidade dos centros comerciais, não como chavões metodológicos e ideológicos, mas como crítica ao império das formas funcionais e monofuncionais do Poder Público e seus asseclas, com suas decorações e estéticas não funcionais e sobretudo com simulações de festas e dissimulações lúdicas.

É preciso atentar para a noção que diz que as cidades que detém o caos são superiores às cidades racionais, pois aquelas guardam, nos lugares que unem os homens, uma certa esperança.<sup>42</sup>

Cabe, outrossim, ressaltar que os procedimentos realizados são tentativas de identificar no espaço urbano os lugares

---

42. As cidades racionais são aquelas cidades de grande porte como Nova York, Paris, Londres e algumas cidades do interior do Estado de São Paulo. Por sua vez, as que têm o caos são os espaços urbanos em que a miséria, a "marginalidade" e a insalubridade estão visíveis por toda parte; são as grandes cidades brasileiras (Cf. Santos, Milton In: Painel do XI Encontro de Geógrafos do Ceará e I Semana de Geografia da UECE. Fortaleza, 25/05/1993).

representativos, não como forma de fazê-los categorias centrais, mas indicar uma noção fundamental esquecida pelo discurso geográfico no afã das metodologias dialéticas.

Mesmo na crítica ao funcionalismo de Lynch, os elementos da cidade, eleitos por este autor para a configuração da cidade, é possível, por dentro deles e na junção deles, identificar formas ou "pontos marcantes" - como quer Lynch - geradores de reflexões fundamentais no processo de (re)estruturação urbana.

Estas parecem ser as características dos espaços públicos como praças e ruas relatadas no Capítulo II deste trabalho, denominado A Imagem da Cidade. Pois, não resta dúvida que estas ruas e praças funcionam, ora como limites, ora como "pontos marcantes" nas elaborações de imagens da cidade.

Pois, tomando por base, como exemplo, a especialização de uma rua verifica-se uma verdadeira "ilha" de ópticas se concretizar na rua Pedro Pereira, entre a rua Barão do Rio Branco e a rua da Assunção e no sentido sul, na rua Pedro I, entra-se no "mundo" eletro-eletrônico. Pensar numa luminária ou lustre sem antes passar no quarteirão entre Barão do Rio Branco e Senador Pompeu pode não ser uma idéia tão luminosa.

Nesta mesma rua, do outro lado encontra-se um "festival" de aviamentos em atacado ou varejo, que são complementados pelas várias lojas destes produtos no calçadão da Liberato Barroso, entre as ruas Major Facundo e General Sampaio. Neste caminhar do consumo inscrevem-se tantas outras experiências que transformam os espaços em espaços domináveis.

Do mesmo modo a Av. do Imperador se configura como porta de entrada - um limite - de Bairro, separando o centro comercial de

alguns bairros residenciais, sendo, ainda, escoadouro de linhas de ônibus para as mais variadas partes da cidade.

É também o caso da Praça da Lagoinha como sua realidade de refúgio e de fantasia da "feira dos malandros", lugar de todos os tipos de roubos e furtos. Concentrando as mais variadas vendas de produtos roubados com televisões, rádios, ventiladores, aparelhos de som, relógios e bugingangas diversas. A praça passou por um período de reformas, fazendo a feira dissipar-se. Mas com o fim dos trabalhos é lentamente retomado o ritmo anterior, referencial para as classes de baixo poder aquisitivo na entrada para o mundo eletro-eletrônico.

A maior evidência como um elemento marcante é a Praça do Ferreira, que é símbolo da cidade. Nas perguntas sobre qual o ponto de referencia para os usuários a praça aparece como a mais citada. E mesmos dentro do Estado do Ceará e fora dele, vez que é uma importante centro comercial e financeiro, divulgado pelos meios de comunicação como "coração de cidade" .

Por outro lado, um mundo só revela-se à noite, numa bela analogia aos filmes fotográficos. O dia, a manhã, a tarde, é a continuação e repetição da sociedade dominante. É no escuro que se revelam os filmes fotográficos, e é à noite que alguns elementos da cidade, como os bares e cabarés, fazem da imagem da cidade uma Cidade Não Revelada, com ela os poetas, artistas, cidadãos e outros bêbados.

Esta foi a tentativa da Cidade Não Revelada; partindo da idéia de que a "realidade sensível do espaço e a prática social

são indissociáveis" (Fremont; 1976, 125).<sup>43</sup>

É o que também resgata os bares e mesmos restaurantes que se espalham no centro e são constituídos como locais de passagem pelo fato de localizarem-se próximo aos terminais de ônibus, trazendo grande fluxo de pessoas, sendo muitas vezes bar/restaurante/cabaré.

Estes estão, em geral, na periferia do centro, caracterizando-se como elemento de canto e imaginação prodigiosa de poetas, boêmios, desocupados ou simplesmente trabalhadores que fazem do centro local de trabalho, lazer e diversão.

O mesmo é válido para a Padaria Espiritual - o boteco - descrito em versos e nanquim pelos poetas e artistas plásticos como ponto nevrálgico das discordâncias políticas, ideológicas e sociais.

Muitas destas regiões são concebidas como espaços de reprodução, são zonas relacionadas ao paradoxo, ao conflito, e estão envolvidos por códigos não dominados pela sociedade de classes.

Esta parece ser a preocupação do artista plástico Descartes Gadelha traduzindo em imagens vivas de desenhos, pinturas e gravuras o lugar conhecido como Curral, existente na década de 60 próximo ao Passeio Público.

Nestes cenário, incluem-se as boates, como o Barba Azul, que abriga estudantes secundaristas, o Senadorzão, misto de restaurante, bar e cabaré, o Cantinho da Saudade, bar/cabaré

---

43. Reporta-se, aqui, ao excelente trabalho de Armand Fremont: A Região, Espaço Vivido. Livraria Almedina. Coimbra, 1980, em especial o capítulo que trata dos lugares pp. 121-143. Cf. ainda Fremont, 1974.



referencia para os que se deslocam para a Praça Castro Carreira, entre tantos outros.

É desta forma, mas com os devidos cuidados, que foi utilizado o trabalho de Ferrara (1988), que trata a cidade como linguagem não verbal. Dele extraímos procedimentos importantes que determinaram o modo de fazer a pesquisa; na seleção de documentação icnográfica e visual fotográfica, na documentação jornalística e nas entrevistas com usuários selecionados no centro da cidade, bares e cabarés, e sobretudo na idéia original desta autora quanto aos "fragmentos habituais da cidade" (Ferrara; 1988, 75-80), permitindo, na junção com os elementos de Lynch, uma análise do centro da cidade.

Por fim, é importante ressaltar que os procedimentos analíticos realizados indicam que sentir e imaginar a cidade é um recurso de profundidade, a partir do momento que se entende que caminhar e observar a cidade significa interiorizá-la na alma.

É isto que chama atenção a psicanalista James Hillman; quando começa a procurar entender os seus pacientes que sempre elaboram conceitos vinculados às sociedades modernas, urbanas. Resgata a visão neoplatônica de que os olhos são apenas intermediários do espírito, quando na sociedade capitalista moderna, a noção dominante é de que o cidadão caminha apenas com os pés e os músculos. Estabelece, assim, que a contemplação do usuário é um ver concreto, um embate entre os olhos e o coração.<sup>44</sup>

---

44. Cf. Hillman, James. Cidade & Alma. São Paulo. Studio Nobel, 1993. Este livro reúne textos, ensaios e artigos esparsos sobre uma mesma temática: a psicologia e a cidade; e em especial o sentido estrito de entender as neuroses urbanas dos pacientes psicanalizados.

Finalmente, ressalta-se que a noção de indivíduo como criação burguesa é mera entelégia científica e um desvio do sujeito enquanto realidade concreta, no viver e reproduzir-se nas sociedades urbanas e nas metrópoles. Concorda-se, aqui, com aquele autor que afirma, para aqueles que pensam que há um retorno ao sujeito: "o sujeito nunca voltou porque nunca partiu. Sempre esteve presente". (Castoriadis, 1992: 201).

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, José Alberto. Um plano novo para uma nova Fortaleza. In: Jornal O Povo, Fortaleza, 05/03/1987 p. 10.
- AMORA, Zenilde Baima. As transformações da indústria de Fortaleza face a política de industrialização do nordeste. Dissertação de mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1978.
- ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- AZEVEDO, Miguel Angelo de. Fortaleza, ontem e hoje. Fortaleza, Prefeitura Municipal de Fortaleza/Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1991.
- AZEVEDO, Sânzio. Grêmios literários do Ceará. In: SOUZA, Simone (coord.). História do Ceará. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará/Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1989.
- BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- BASTOS, Lília da Rocha et al. Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.
- BENEVIDES, Artur Eduardo (org.). Cancioneiro da cidade de Fortaleza. Prefeitura Municipal de Fortaleza/Imprensa Universitária do Ceará, 1973.

- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas vol. I. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- . Obras escolhidas vol. II. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- . Obras escolhidas vol. III. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- BERENSON, Bernard. Estética e história. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- BRAGA, Elza Maria Franco (coord.). A política da escassez: lutas urbanas e programas governamentais. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1991.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. A geografia lingüística no Brasil. São Paulo, Atica, 1991.
- CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo, Companhia das letras, 1991.
- CAMPOS, Eduardo. A Fortaleza provincial: rural e urbana. Fortaleza, Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988.
- CAPEL, Horacio. Percepción del medio y comportamiento geográfico. In: Revista de geografia, vol. 7, n. 1-2, eng-dic, Barcelona, 1973, pp. 58-150.
- CARLOS, Ana Fani Alessendri. A cidade. São Paulo, Contexto, 1992.
- . Pensando novos caminhos da análise urbana. São Paulo, s/d. (mimeo).

CARTAXO FILHO, Joaquim. A emergência da Praça do Ferreira e a decadência do Passeio Público. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1984. Monografia final do curso de aperfeiçoamento em arquitetura.

CASTORIADIS, Cornélius. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

----- . As encruzilhadas do labirinto/1. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

----- . As encruzilhadas do labirinto, III: o mundo fragmentado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

CASTRO, José Liberal de. Cartografia urbana fortalezense na colônia e no império e outros comentários. In: Prefeitura Municipal de Fortaleza: A administração Lúcio Alcântara, Março 1979/ Maio 1982. Fortaleza, 1982.

----- . Cartografia urbana da Fortaleza Imperial e as plantas de Adolfo Herbster. In: Prefeitura Municipal de Fortaleza Fortaleza: A Administração Lúcio Alcântara Março 1979 Maio. Fortaleza, 1982, 290 p. ilustr.

CHAVES, Gilmar. Oficina de sonhos. Fortaleza, Gráfica VT, 1987.

CLARK, David. Introdução à geografia urbana. São Paulo, Difel, 1985.

CORREIA, Roberto Lobato. Repensando a teoria dos lugares centrais. In: SANTOS, Milton (org.). Novos rumos da geografia brasileira. São Paulo, Hucitec, 1982, pp. 50-65.

----- . A produção e a organização do espaço urbano. In: Espaço e sociedade, Associação dos Geógrafos Brasileiros - RS, 1985.

----- . O estudo da rede urbana: uma proposição metodológica. s.l., abril, 1987. (mimeo).

----- . A rede de localidades centrais nos países subdesenvolvidos. s.l., maio, 1987. (mimeo).

----- . A rede urbana. São Paulo, Atica, 1989.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. Cidade 2.000: expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1988. Dissertação de mestrado.

CUNHA, Maria Noélia Rodrigues. Praças de Fortaleza. Fortaleza, Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1990.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

----- . A casa & a rua. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

DONNE, Marcella Delle. Teorias sobre a cidade. Lisboa/São Paulo, Edições 70/Martins Fontes, 1983.

ECO, Umberto. Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

- . Como se faz uma tese. São Paulo, Perspectiva, 1986.
- . Sobre os espelhos e outros ensaios. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.
- ENGELS, F. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo, Global, 1985.
- EPSTEIN, Isaac. O signo. São Paulo, Atica, 1990.
- ESTÉBANEZ, José. Tendencias y problematica actual de la geografia. Editorial Cincel, s.l., s.d. .
- FERRARA, Lucrecia d'Aléssio. Ver a cidade : cidade, imagem, leitura. São Paulo, Nobel, 1988.
- FEYERABEND, Paul. Contra o método. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989.
- FREMONT, Armand. Pesquisas sobre o espaço vivido. São Paulo, s.d., tradução de Maria Regina C. T. Sader. (mimeo). In: L'espace géographique n. 3, 1974, pp. 231-238.
- . A região, espaço vivido. Coimbra, Livraria Almedina, 1980.
- GALENO, Alberto S. A Praça e o Povo: homens e acontecimentos que fizeram a história na Praça do Ferreira. Fortaleza, Stylus Comunicações, 1991.
- GETIS, Arthur & GETIS, Judith. A teoria das localidades centrais. In: Revista Orientação n. 5, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo - USP, outubro, 1984, pp.87-90.
- GIRAO, Raimundo. Geografia estética de Fortaleza. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1979.

- GIRÃO, Raimundo. Fortaleza e a crônica histórica. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará/ Edições Alagadiço Novo, 1983.
- GOMES, Ione Arruda. Imagens indelévels; primeiros contatos com o Bairro Aldeota. Fortaleza, Stylus Comunicações, 1991.
- GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e memória. In: NOVAES, Adauto (org.). O Olhar. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, pp. 95-124.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Semiótica e ciências sociais. São Paulo, Cultrix, 1981.
- GURJÃO, Pedro. Grafite neles. In: Jornal O Povo, Fortaleza, 19/11/90.
- HEGEL, F. Fenomenologia do espírito - parte I. Petrópolis, Vozes, 1992.
- HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 1985.
- HILLMAN, James. Cidade & alma. São Paulo, Studio Nobel, 1993.
- INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL E ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFC (ADUFC). Carta de Fortaleza: uma cidade em questão. Fortaleza, Expressão Gráfica e Editora, setembro 1992.
- JOB, Daniel Carneiro. Revivendo o passado: homens e fatos que a história nem sempre registra. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1986.



- JOB, Daniel Carneiro. Praça do Ferreira: o inédito, o sério e o pitoresco. Fortaleza, Gráfica Encaixe, 1992.
- KING, Leslie J. . Alternativas para uma geografia Positiva. In: Perspectivas da Geografia. São Paulo, Difel, 1985.
- KOWARICK, Lúcio. A espoliação urbana. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- KOWARICK, Lúcio (org.). As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. O fenômeno urbano: sentido e finalidade da industrialização. O principal direito do homem. Documentos, Gráfica Urupês, São Paulo, 1969.
- . A re-produção das relações de produção. Porto, Publicações Escorpião, 1973.
- . Espacio y política. El derecho a la ciudad, II. Barcelona, Ediciones Península, 1976.
- . A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo, Atica, 1991.
- LEGRAND, Gerard. Dicionário de filosofia. Lisboa/São Paulo, Edições 70/ Martins Fontes, 1984.
- LINHARES, Paulo. Cidade de água e sal: por uma antropologia do litoral nordeste sem cana e sem açúcar. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1992.
- LOPES, Marciano. Royal briar: a Fortaleza dos anos quarenta. Fortaleza, Tipoprogresso, 1988.

- LOTMAN, Iúri *et al.* Ensaio de semiótica soviética. Lisboa, Livros Horizonte, 1981.
- LUKACS, Georg. História e consciência de classe. Porto, Publicações Escorpião, 1974.
- LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Lisboa/São Paulo, Edições 70/Martins Fontes, 1982.
- MARTINET, Jeanne. Chaves para a semiologia. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1983.
- MARX, Karl. O 18 de brumário de Louis Bonaparte. Lisboa, Edições Avante, 1984.
- MORA, José Ferrater. Dicionário de filosofia. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1982.
- MORAES, Regis. O que é violência urbana. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- MOISÉS, José Alvaro *et al.* Contradições urbanas e movimentos sociais. Rio de Janeiro, Paz e Terra/Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC), 1978.
- MUNFORD, Lewis. A culturas das cidades. Belo Horizonte, Itatiaia, 1961.
- PRADO JUNIOR, Caio. Dialética do conhecimento. Tomo I: preliminares pré-história da dialética. São Paulo, Brasiliense, 1963.
- PRED, Alan R. . O modelo 'temporo-geográfico' da Sociedade, de Hägerstrand. In: Perspectivas da Geografia. São Paulo, Difel, 1985.
- OLIVEN, Ruben George. Urbanização e mudança social no Brasil. Prtrópolis, Vozes, 1984.

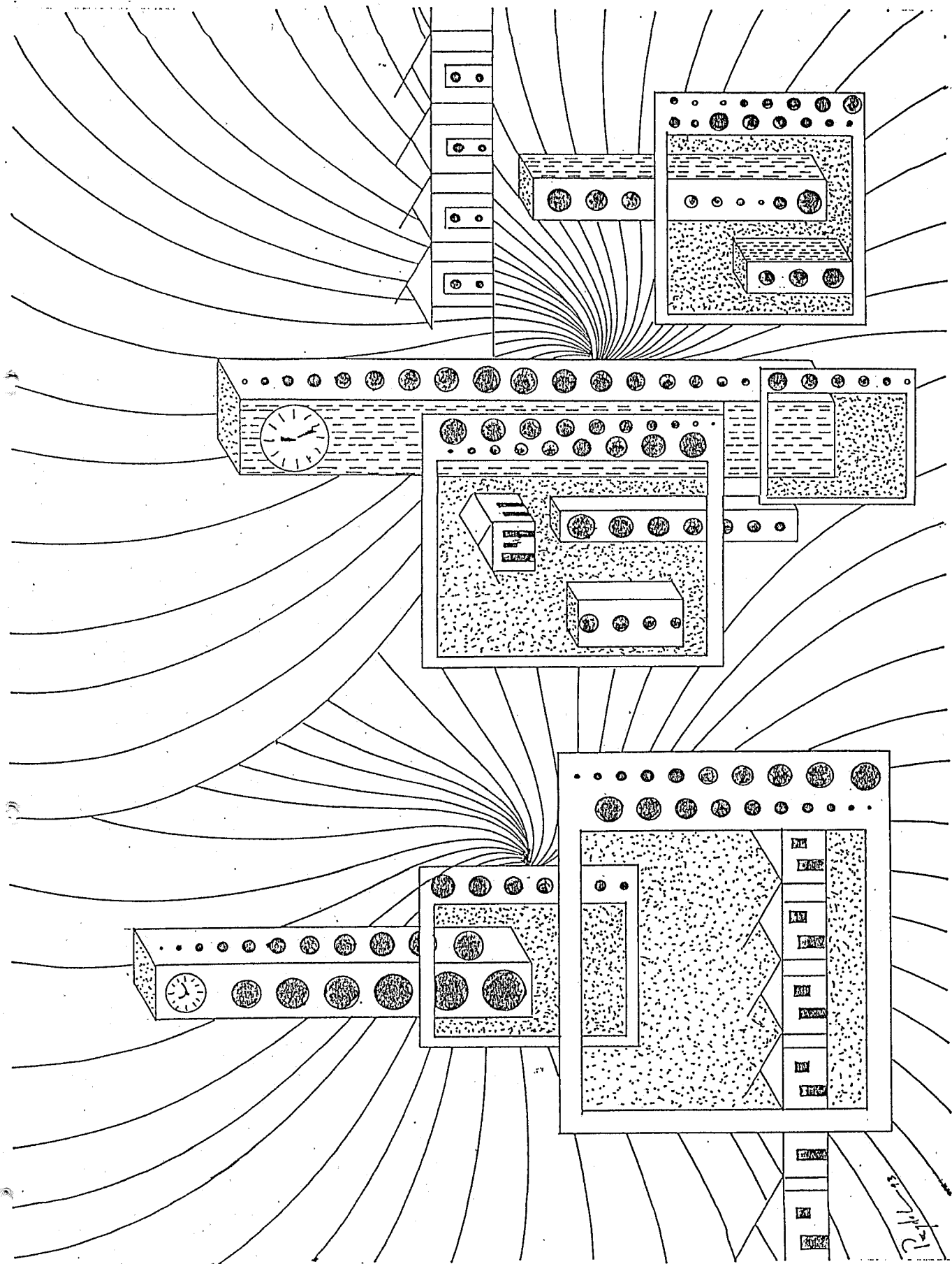
- . A antropologia de grupos urbanos.  
Petrópolis, Vozes, 1987.
- REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA n. 18 . A mulher e o espaço público. São Paulo, Associação Nacional dos Professores Universitários de História/CNPQ/Marco Zero, 1989.
- REVISTA DE ESTUDOS REGIONAIS E URBANOS. Espaço & Debates.  
Ano X, n. 30, São Paulo, 1990.
- RODRIGUES, A. Jacinto. Urbanismo e revolução. Porto, Edições Afrontamento, s.d. .
- ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- SABINO, Fernando. A companheira de viagem. Rio de Janeiro, Record, 1984.
- SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- SANTOS, Carlos Nelson (coord.). Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro/São Paulo, Instituto Brasileiro de Administração Municipal/Centro de Pesquisas Urbanas/Projeto, 1985.
- SANTOS, Milton. Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
- . Espaço & método. São Paulo, Nobel, 1985.
- . Pensando o espaço do homem. São Paulo, Hucitec, 1986.

- . Manual de geografia urbana. São Paulo, Hucitec, 1989.
- SHARPE, Peggy. Espelho na rua: a cidade na ficção de Eça de Queirós. Rio de Janeiro, Presença, 1992.
- SINGER, Paul. Economia política da urbanização. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- SILVA, Armando Corrêa da . As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico. In: SANTOS, Milton (coord.). O espaço interdisciplinar. São Paulo, Nobel, 1986. pp. 25-38. (a)
- SILVA, José Borzacchiello da . Movimentos sociais populares em Fortaleza: uma abordagem geográfica. Universidade de São Paulo, 1986. Tese de Doutorado. (b)
- SILVA, Luiz Antonio Machado da. O significado do botequim. In: HOGAN, Daniel J. *et al.* Cidade: usos & abusos. São Paulo, Brasiliense, 1978, pp. 77-114.
- TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo, Difel, 1983.
- VELHO, Gilberto. A utopia urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.
- VESENTINI, José William. A capital da geopolítica. São Paulo, Atica, 1986.
- . Imperialismo e geopolítica global. Campinas (SP), Papyrus, 1987.
- . Geografia, natureza e sociedade. São Paulo, Contexto, 1989.

VIANA, Carlos Augusto. Primavera empalhada. Fortaleza, Nação  
Cariri Editora, 1982.

VIRILIO, Paul & LOTRINGER, Sylvere. Guerra pura: a  
militarização do cotidiano. São Paulo, Brasiliense, 1984.





A M E S O I I

12/17/53





ANEXO I U

PLANTA BARRIO CIDADE DE FORTALEZA

